

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS  
ÁREAS DE CONHECIMENTO DAS ARTES E ARQUITETURA**

**PATRÍCIA A. DE O. PAGLIARI**

**COHOUSING SÊNIOR BELVEDERE  
COMUNIDADE INTENCIONAL DE COABITAÇÃO COLABORATIVA  
CARLOS BARBOSA - RS**

**BENTO GONÇALVES – RS**

**2022**

**PATRÍCIA A. DE O. PAGLIARI**

**COHOUSING SÊNIOR BELVEDERE  
COMUNIDADE INTENCIONAL DE COABITAÇÃO COLABORATIVA  
CARLOS BARBOSA - RS**

Relatório técnico apresentado como requisito parcial para obtenção de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul, CARVI.

Orientadora: Profa. Me. Pauline Fonini Felin  
Coordenador TCCs: Prof. Ms. André Melati

**BENTO GONÇALVES- RS**

**2022**

**PATRÍCIA A. DE O. PAGLIARI**

**COHOUSING SÊNIOR BELVEDERE  
COMUNIDADE INTENCIONAL DE COABITAÇÃO COLABORATIVA  
EM CARLOS BARBOSA - RS**

Relatório técnico apresentado como requisito parcial para obtenção de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul, CARVI.

**Aprovada em \_\_/07/2022**

**Banca Examinadora**

---

Profa. Me. Pauline Fonini Felin  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Profa. Me. Margit Arnold Fensterseifer  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Arq. Ms. Patrícia Pasini

## RESUMO

O presente relatório tem como objetivo o desenvolvimento de proposta urbanístico - arquitetônica a nível de partido, com base em diretrizes para a implantação de uma comunidade colaborativa para idosos, embasado pelos princípios de *Cohousing*. Esse conceito surgiu na Dinamarca durante os anos 70, com o arquiteto Jan Gudmand Høyer, e tinha por finalidade atender as demandas e fragilidades da sociedade daquela época. Atualmente, o *Cohousing* tem exemplares espalhados pelo mundo, pois conquistou o título de moradia sustentável. No Brasil, ainda não se tem nenhum exemplar implantado, mas vários movimentos se organizando para a constituição dessas comunidades; o grupo que se encontra mais avançado é o “Cohousing Vila ConViver”, em Campinas – SP. Nesse sentido, para a definição das diretrizes projetuais no município Carlos Barbosa - RS, foram considerados dados levantados em cursos realizados pela autora, bem como pesquisas em livros de referência sobre o tema. O trabalho foi estruturado em quatro etapas: fundamentação teórica, diagnóstico, referenciais e partido geral. Nessa última encontra-se a proposta para um *Cohousing Sênior*, na qual acredita-se que as soluções ali implantadas incentivem a pesquisa e discussão sobre a temática.

Palavras-chave: Autonomia; *Cohousing*; comunidade; idoso; longevidade.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de equipamento de uso equiparável .....	14
Figura 2 - Exemplo de equipamento de uso flexível .....	14
Figura 3 - Exemplo de equipamento de uso simples e intuitivo .....	14
Figura 4 - Exemplo de Informação de fácil percepção .....	14
Figura 5 - Exemplo de equipamento tolerante ao erro .....	15
Figura 6 - Exemplo de equipamento de baixo esforço físico .....	15
Figura 7 - Exemplo de medida e tamanho .....	15
Figura 8 - Unidade habitacional Skraplanet .....	20
Figura 9 - Casa comum do Trudeslund .....	21
Figura 10 - WindSong .....	21
Figura 11 - Unidade habitacional e moradora - Killen .....	22
Figura 12 - Mapa do RS - localização de Carlos Barbosa .....	28
Figura 13 - Limites municipais de Carlos Barbosa - destaque área urbana....	28
Figura 14 - Raio de área de bairro - 500m .....	30
Figura 15 - Imagens internas da área de intervenção .....	31
Figura 16 - Imagens externas da área de intervenção .....	31
Figura 17 - Condicionantes físicos - ambientais .....	32
Figura 18 - Cheios e vazios .....	32
Figura 19 - Alturas .....	32
Figura 20 - Usos .....	33
Figura 21 - Hierarquia viária .....	33
Figura 22 - Regramento do uso do solo - ACON .....	34
Figura 23 -Mapa síntese .....	35
Figura 24 - Implantação da comunidade Silver Sage Village.....	36
Figura 25 - Perspectiva da Comunidade Silver Sage Village.....	37
Figura 26 - Pátio e acesso a Casa Comum .....	37
Figura 27 - Cozinha .....	38
Figura 28 - Sala de Jantar e Estar .....	38
Figura 29 - Biblioteca e sala de cinema .....	38
Figura 30 - Sala flexível .....	39
Figura 31 - Deck - segundo andar .....	39

Figura 32 - Apartamentos Mary Potter / Warren and Mahoney .....	40
Figura 33 - Fluxograma.....	43
Figura 34 - Implantação da comunidade.....	7
Figura 35 - Planta baixa.....	7
Figura 36 - Subsolo Casa Comunitária .....	8
Figura 37 -Planta baixa Casa Comunitária .....	8
Figura 38 - UVP - Tipo 1 .....	9
Figura 39 - UVP - Tipo 2 .....	10
Figura 40 - UVP -Tipo 3 .....	11
Figura 41- Perspectiva - UVPs .....	12
Figura 42 - Perspectiva 1 - Horta e pomar.....	12
Figura 43 -Perspectiva 2 – Cancha de bocha e Chimarródromo .....	12
Figura 44 – Perspectiva 3 - Casa Comunitária .....	13
Figura 45 - Perspectiva 4 - Casa Comunitária .....	13
Figura 46 – Perspectiva 5 - Casa Comunitária .....	14
Figura 47 – Perspectiva 6 - Casa Comunitária .....	14
Figura 48 – Perspectiva 7 - Portaria Social.....	15
Figura 49 – Perspectiva 8 – Vista do conjunto.....	15

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Unidades de Vida Privada .....	41
Tabela 2 - Casa Comunitária .....	42

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

CNV Comunicação Não Violenta

NBR Norma Brasileira

TCC Trabalho de Conclusão do Curso

UCS Universidade de Caxias do Sul

UVP Unidade de vida privada

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
1.1	TEMA E DELIMITAÇÃO .....	7
1.2	PÚBLICO ALVO.....	8
1.3	OBJETIVO GERAL .....	8
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
1.5	JUSTIFICATIVA.....	9
1.6	METODOLOGIA .....	10
1.7	AGENTES DE INTERVENÇÃO .....	11
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
2.1	O IDOSO DO SÉCULO XXI.....	12
<b>2.1.1</b>	<b>Arquitetura e envelhecimento</b> .....	12
2.2	DESENHO UNIVERSAL .....	13
2.3	O <i>COHOUSING</i> .....	17
2.4	ANÁLISE DAS FASES DO <i>COHOUSING</i> .....	20
2.5	ESTRATÉGIAS PARA INSERÇÃO DA ESTRUTURA LEGAL, PROPRIEDADE, POSSE E APORTE FINANCEIRO .....	22
2.6	O <i>COHOUSING</i> NO BRASIL.....	23
<b>3</b>	<b>ASPECTOS DO LUGAR</b> .....	28
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO .....	28
3.2	PERFIL SOCIO- ECONÔMICO .....	29
3.3	ÁREA DE INTERVENÇÃO .....	29
<b>4</b>	<b>ASPECTOS FUNCIONAIS</b> .....	36
4.1	REFERENCIAL FUNCIONAL E FORMAL.....	36
4.2	PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ -DIMENSIONAMENTO.....	41
<b>5</b>	<b>PARTIDO GERAL</b> .....	44

5.1	IMPLANTAÇÃO .....	44
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	7
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	8

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade encontra-se diante de um contexto mundial de elevação da taxa de expectativa de vida e da redução da taxa de fecundidade, estimuladas pelas mudanças na estrutura da família tradicional. Além disso, há um crescente número de pessoas vivendo sozinhas, que acabam na tentativa de estar com o outro, utilizando das mídias virtuais na busca da integração social e da intimidade emocional. No entanto, quando não alcançando esse objetivo, identifica-se um elevado índice de pessoas isoladas e queixosas de solidão em todas as faixas etárias.

Dessa forma, o grupo de idosos está incluso e torna-se ainda mais fragilizado. Por este motivo, o presente trabalho busca identificar e propor soluções para as demandas do idoso do séc. XXI, pois se faz necessário repensar o habitat tradicional, de forma que seja capaz de propor um modelo de arquitetura socioafetiva para a longevidade, a fim de suprir as demandas do novo estilo de vida, estimulando a autonomia, a segurança e o conforto.

### 1.1 TEMA E DELIMITAÇÃO

O tema do presente estudo é sobre a Arquitetura para a Longevidade que busca atender as necessidades biopsicossociais, pois o modelo de comunidade deve adotar as boas práticas atuais das áreas da psicologia, geriatria, gerontologia, antropologia e sociologia. Dessa forma, o planejamento de um lar contribuiria para uma vida mais longa, com maior qualidade e segurança.

Assim, toma-se o modelo o termo “*Cohousing*”<sup>1</sup>, já conhecido na Arquitetura por configurar grupos de pessoas vivendo colaborativamente. Ao focar-se na terceira idade, este modo de habitação surge como uma alternativa capaz de proporcionar a interação social, com moradias projetadas para um grupo com interesses em comum. Esse modelo de coabitação composta por Unidades de Vida Privada (UVP), em conjunto com espaços e equipamentos compartilhados, possibilita que os moradores

---

<sup>1</sup> “*Cohousing* (do inglês collaborative housing), é o que a expressão diz: uma comunidade residencial colaborativa para pessoas com valores comuns e muita disposição para construir e compartilhar bons momentos e dividir tarefas para tornar a vida mais leve, simples e econômica.” Cohousing em Rede. Disponível em: <https://www.cohousingemrede.com.br/oquee>. Acesso em: 14 abr.2022.

tenham privacidade e independência, fazendo parte de uma comunidade que estimula o desenvolvimento individual ativo.

## 1.2 PÚBLICO ALVO

Pode-se dizer que se trata de adultos a partir dos 50 anos, com o desejo de programar seu futuro próximo de amigos. Assim, quando ele atingir os 60 anos já estará integrado a esse grupo e possa participar ativamente, dessa visão coletiva, possibilitando a satisfação de suas vontades e anseios, sem haver a necessidade desvincular de sua terra natal, encontrando essa alternativa de vida no município de Carlos Barbosa - RS.

O perfil foi definido a partir de exemplos já consolidados de países europeus, que serviram como referência para o “Cohousing Sênior Vila ConViver”<sup>2</sup>, Campinas – SP, que direciona seu público para pessoas de 50 anos, aposentados ou em vias de se aposentar.

## 1.3 OBJETIVO GERAL

Desenvolver proposta de *Cohousing* a nível de partido arquitetônico com foco na terceira idade da cidade Carlos Barbosa – RS.

## 1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O projeto tem como objetivos específicos:

- Compreender o conceito de Gero-Habitação, assim como o envelhecimento ativo e sua relevância para atualidade;
- Buscar referenciais teóricos e arquitetônicos relacionados ao tema que priorizem a vida colaborativa;

---

<sup>2</sup> “Cohousing Sênior Vila ConViver – Associação de professores e funcionários da UniCampi, que uniram esforços idealizar primeiro *cohousing* sênior do Brasil, eles realizaram a aquisição da área e estão em fase projetual e submissão a prefeitura.

- Elaborar o diagnóstico da área, com os dados pesquisados sobre as características do terreno e legislação vigente;
- Analisar a configuração dos espaços físicos de uma cohousing, visando a interação social dos moradores, estreitando e fortalecendo vínculos;
- Analisar os dados coletados, definir diretrizes para projeto e elaborar um programa de necessidades;
- Propor um projeto arquitetônico e urbanístico, com ênfase na promoção da qualidade de vida e saúde, solidariedade e apoio mútuo, cidadania ativa e respeito ao meio ambiente, de acordo com os princípios do conceito *Cohousing*;

## 1.5 JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos, o município de Carlos Barbosa tem passado pelo processo de transição demográfica, conforme constatado no Censo do IBGE<sup>3</sup> de 2010 e estimativas divulgadas pelo DEE<sup>4</sup>. O Plano Municipal de Saúde 2022 - 2025, divulgou essa situação, fazendo uma relação que para cada 100 jovens (a partir dos 15 anos) encontra-se 114,18 idosos (a partir dos 60 anos), de acordo as estimativas preliminares elaboradas pelo Ministério da Saúde/SVS<sup>5</sup>/DASNT<sup>6</sup>/CGIAE<sup>7</sup> (2000 a 2020).

Esses números apontam para o elevado índice de envelhecimento da população quando comparado ao Estado (103,27 idosos para cada 100 jovens) e em relação à União (68,34 idosos para cada 100 jovens).

Por este motivo faz-se necessário buscar alternativas para essa parcela da população, que é composta por cidadãos com diferentes etnias, com ou sem condições financeiras, geralmente esquecidos mesmo compondo um grupo numeroso perante a estrutura social.

Nesse contexto, o conceito do “Cohousing *Sênior*” surge como uma alternativa viável para receber essa faixa etária, pois responde ao novo conceito de habitação no

---

<sup>3</sup>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>4</sup> Departamento de Economia e Estatística – RS.

<sup>5</sup> Secretaria de Vigilância em Saúde do Governo Federal.

<sup>6</sup> Departamento de Análise em Saúde e Vigilância das Doenças Não Transmissíveis.

<sup>7</sup> Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas.

território nacional, com moldes em modelos estrangeiros, pois sua origem está nos países que passaram anteriormente pelo processo de ampliação dos índices de expectativa de vida e redução da natalidade.

Esse conceito de comunidade é feito “por idosos” e “não para idosos”, aspecto diferencial, inclusivo e ativo, pois estimula a interação social e estreita os vínculos afetivos na construção de uma visão coletiva. Afim almeja-se uma moradia adaptada para atender as necessidades específicas, de forma a fornecer segurança, acessibilidade e autonomia ao usuário.

De acordo com Lubochinski (2022), este modelo de habitação é baseado na coletividade e emprega o compartilhamento de espaços e equipamentos entre seus moradores. Dessa forma, pode-se dizer que comunidades podem vir a favorecer estratégias construtivas sustentáveis ainda na etapa do projeto arquitetônico, através da redução da pegada ecológica<sup>8</sup>.

## 1.6 METODOLOGIA

O presente trabalho teve início com a pesquisa de material bibliográfico sobre o tema e áreas correlatas, através de livros, artigos científicos, artigos de jornais, revistas, websérie, websites, bem como um curso “Introdução a Cohousing e como realizar<sup>9</sup>”, cursado entre os meses de março a maio do presente ano e curso de “Comunicação Não Violenta<sup>10</sup>” (CNV) em maio do presente ano, que nortearam dentro do universo de estudo, para elaborar as justificativas que foram compostas através da consulta ao vasto material.

Além disso, desenvolveram-se mapas e esquemas com dados da legislação vigente, das características ambientais e espaciais, a fim de compreender as necessidades do terreno e suas conexões com entorno. Por fim, dados foram contemplados no projeto do Partido Geral da *Cohousing Sênior*, com o intuito de alcançar o objetivo geral deste presente trabalho.

---

<sup>8</sup> A **Pegada Ecológica** é uma metodologia de contabilidade ambiental que avalia a pressão do consumo das populações humanas sobre os recursos naturais. Permite comparar diferentes padrões de consumo e verificar se estão dentro da capacidade **ecológica** do planeta.

<sup>9</sup> Introdução a Cohousing e como realizar” - ministrado pela arquiteta Lilian Avivia Lubochinski, através da plataforma Hotmart Club - <https://cohousingbrasil.club.hotmart.com/lesson/2z7rvBDK7j/> Acesso em: 28 maio 2022. Disponível somente na modalidade paga.

<sup>10</sup> Comunicação Não Violenta (CNV) com a psicóloga Sabrina Rugeri – extensão em modalidade síncrona ofertada pela UCS.

## 1.7 AGENTES DE INTERVENÇÃO

Hipoteticamente, foram considerados agentes responsáveis por colocar em prática o projeto de habitação proposto. Primeiramente, cabe citar a iniciativa de indivíduos com mais de 50 anos que possuem o desejo comum de formar uma comunidade intencional de coabitação colaborativa. Esta reunião, resultará em uma associação, sendo a única proprietária de todo o empreendimento constitutivo do *Cohousing* (terreno, construções, infraestrutura, bens e áreas de uso comum, Unidades Habitacionais, etc.).

Já os Associados são proprietários de cotas Associativa e Patrimonial, nos termos que serão sacramentados no Estatuto que regulamentará a comunidade. Quando chegar a essa etapa da aquisição do terreno, é essencial a participação de um profissional do direito para dar segurança ao investimento, pois a iniciativa é privada com o aporte de uma construtora incorporadora.

Dessa forma, pode-se dizer que o estudo pode servir de diretriz para proposta de tipologia habitacional para o Poder Público, bem como o Conselho Municipal do Idoso, a Secretaria da Saúde e a Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação de Carlos Barbosa. Acredita-se nisso, tendo em vista a experiência em países europeus nórdicos e mediterrâneos, os quais são referência para o Brasil e possuem a participação desses agentes.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será apresentada a fundamentação teórica, dos principais conceitos utilizados como base para este trabalho. Com abordagem a respeito do indivíduo com 50 anos ou mais, *Cohousing*, bem como as leis e normatizações, que tangem o tema.

### 2.1 O IDOSO DO SÉCULO XXI

Atualmente, não se pode padronizar o estereótipo do idoso, bem como deve ser refutada a ideia de que sua idade cronológica está associada a doenças ou a pessoas com deficiência física. São indivíduos que compõem uma parcela ativa e produtiva, em processo de “envelhecimento ativo”, termo adotado pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2005), a qual busca a longevidade com qualidade de vida para essa faixa etária.

Dessa forma é possível constatar que não existe um padrão para a pessoa idosa, havendo a necessidade de iniciativas políticas e meios de inclusão de idosos independentes e ativos na sociedade. Acredita-se que o desenvolvimento enquanto indivíduos e cidadãos decorre das interações com outras pessoas em espaços naturais e construídos.

#### 2.1.1 Arquitetura e envelhecimento

A arquitetura desempenha importante papel na busca por qualidade de vida, pois oferece soluções espaciais dos ambientes de habitação e convívio. Tomando como base o conceito geral de gerontologia<sup>11</sup>, – que trata do conjunto de conhecimentos científicos aplicados ao estudo do envelhecimento humano, nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, surgiu a expressão “geroarquitetura, que visa a inclusão e segurança do usuário idoso. (JORDÃO NETTO, 1997 apud CASTELNOU NETO, 2019, p 09).

---

<sup>11</sup> Gerontologia - termo que provém do grego geros; “velhice”. Estudo do envelhecimento nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

Com a finalidade de proteger e garantir direitos a população idosa, no ano de 2004, entrou em vigor o Estatuto do Idoso, para legislar sobre esse grupo, oferecendo duras penas a quem desrespeitar esses direitos.

No entanto ainda hoje sabe-se que eles não são respeitados na prática, ficando na dependência da boa vontade política para que alterem os seus códigos de obras municipais, de forma a exigir especificações técnicas que atendam suas necessidades, criando assim uma arquitetura que não segregue mais as pessoas (CAMBIAGHI, 2020).

Atentando para a arquitetura inclusiva, associou-se os termos como Acessibilidade e Desenho Universal, como forma de ampliar a importância do ambiente residencial, local propício a harmonia entre a pessoa-ambiente. (CAMBIAGHI, 2020).

A congruência de características ambientais e necessidades individuais pauta-se como um meio para entender o impacto ambiental sobre o bem-estar e ajuste de pessoas idosas, tendo a docilidade como aspecto saliente dessa interrelação. Nesse sentido, é importante questionar não somente se o ambiente é bom, mas para quem ele é bom (KAHANA, 1982). O modelo ecológico de envelhecimento humano (LAWTON; NAHEMOV, 1973) identificou que ambientes específicos com maiores níveis de pressão afetam de maneira significativa pessoas com baixa competência comportamental (habilidades cognitivas, físicas e sociais), tornando a inter-relação pessoa-ambiente menos dócil. Em contrapartida, quando o indivíduo tem habilidades que permitem maior adaptação e uso dos recursos disponíveis no local, considera-se a atuação proativa desse inter-relacionamento (HIGUCHI; KUHNNEN; PATO, 2019, p 19 e 20).

Para a prática da arquitetura deve-se utilizar normativas que são obrigatórias por lei como a ABNT-NBR 9050 de Acessibilidade e incluir conceitos no projeto como o Desenho Universal.

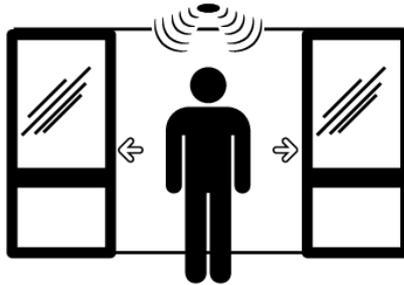
## 2.2 DESENHO UNIVERSAL

No ano de 1987, o americano Ron Mace, arquiteto que usava cadeira de rodas e um respirador artificial, criou a terminologia *Universal Design*<sup>12</sup>. Na década de 90, em conjunto com um grupo com arquitetos e defensores destes ideais, Mace, estabeleceu os sete princípios do desenho universal. Hoje estes são adotados para qualquer programa de acessibilidade plena e aceitos em todo o mundo:

---

<sup>12</sup> *Universal Design* - Desenho Universal

Igualitário – Uso Equiparável – Pôr em paralelo;  
 Figura 1- Exemplo de equipamento de uso equiparável



Fonte: Desenho Universal – Um conceito para todos.  
 Adaptável - Uso flexível – Maleável, adaptável;  
 Figura 2 - Exemplo de equipamento de uso flexível



Computador com teclado e mouse ou com programa do tipo "Dovox".

Fonte: Desenho Universal – Um conceito para todos.  
 Óbvio - Uso simples e intuitivo - Incontestável, claro, evidente;  
 Figura 3 - Exemplo de equipamento de uso simples e intuitivo



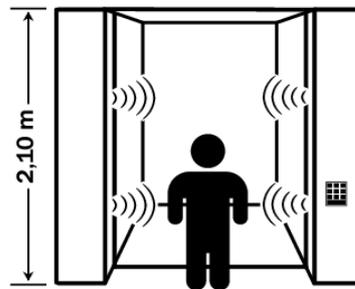
Fonte: Desenho Universal – Um conceito para todos.  
 Conhecido - Informação de fácil percepção - Combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto;  
 Figura 4 - Exemplo de Informação de fácil percepção



Fonte: Desenho Universal – Um conceito para todos.

Seguro - Tolerante ao erro - Sensibilizado ao erro;

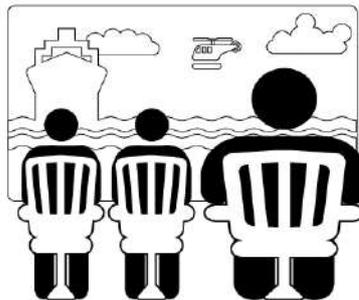
Figura 5 - Exemplo de equipamento tolerante ao erro



Fonte: Desenho Universal – Um conceito para todos.

Sem esforço - Baixo esforço físico - economiza energia, fácil manipulação;

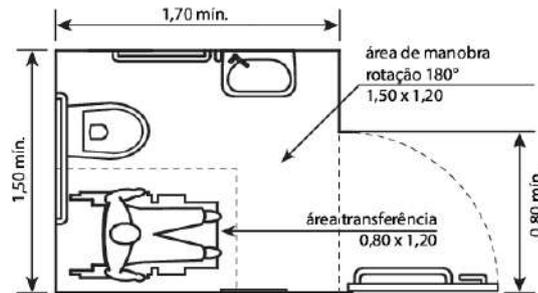
Figura 6 - Exemplo de equipamento de baixo esforço físico



Fonte: Desenho Universal – Um conceito para todos.

Abrangente - Dimensão e espaço para aproximação e uso - Medida, tamanho.

Figura 7 - Exemplo de medida e tamanho



Fonte: Desenho Universal – Um conceito para todos.

A importância do Desenho Universal é legítima, pois ajuda na promoção da qualidade de vida, pois é uma forma de criar espaços acessíveis facilitando seu envelhecimento ativo (CAMBIAGHI, 2020).

A adoção do Desenho Universal, para assegurar uma boa acessibilidade deve atuar em conjunto com as estratégias:

- Adotar o módulo de referência ao invés do homem médio – dimensional para o deslocamento e manobra de indivíduo em cadeiras de rodas, ou equipamentos, como bengalas, muletas, cão guia etc;
- Seleção de materiais de construção e acabamentos – adotar matérias adequados a demanda do usuário, como pisos antiderrapantes, barras de apoio etc;
- Instalação e desenho de produto adequados – Dispor tomadas a, no mínimo, 40 cm do piso, evitando o esforço de abaixar-se; e uma altura máxima de interruptores a 1,20 m;
- Possibilidade de ajuste: mobiliário adaptado, paredes que favorecem a instalação de barras de apoio e transferência, quando necessário e outros;
- Possibilidade de adaptabilidade: a estrutura não requer ajustes para sua utilização para pessoa em cadeirante temporário ou definitivo;

- Existência de alternativa: se houver diferença de nível para acessar à habitação, como alternativa pode existir uma rampa.

Conforme foi constatado por CAMBIAGHI (2020), a indústria da construção civil não faz a aplicação da acessibilidade nas habitações, por inexistência de legislação eficaz e de Normas Técnicas que assegurem ao cidadão esse direito básico. Atualmente, a NBR 9050 (2020) não define no seu escopo a necessidade de acessibilidade nas unidades habitacionais, a saber:

As edificações residenciais multifamiliares, condomínios e conjuntos habitacionais necessitam ser acessíveis em suas áreas de uso comum. As unidades autônomas acessíveis são localizadas em rota acessível. NOTA Para serem considerados acessíveis, todos os espaços, edificações, mobiliários e equipamentos urbanos que vierem a ser projetados, construídos, montados ou implantados, bem como as reformas e ampliações de edificações e equipamentos urbanos, atendem ao disposto nesta Norma. (ABNT, 2020).

Os dados identificados durante a pesquisa apontam para o caminho de planejar com maior atenção e sensibilidade para o público idoso, pois é uma das diretrizes da Política Nacional da Saúde do Idoso e assegurada no Estatuto do Idoso, de acordo com os artigos 37 e 38 (2013).

O *Cohousing Sênior* surge como uma alternativa de moradia, que visa atender as necessidades biopsicossociais, aspecto que vemos despertar no Brasil através da geroarquitetura, com o debate e proposta de habitações planejadas para atender o indivíduo nas diferentes fases da vida, com segurança e autonomia.

### 2.3 O COHOUSING

De acordo com Lubochinski e Durrett (2022), o primeiro *Cohousing* da Dinamarca surgiu através de propostas de habitação coletiva idealizadas pelo arquiteto Jan Gudmand Høyer, que utilizou de sua experiência de vida comunitária no Kibutz<sup>13</sup> em Israel.

---

<sup>13</sup> Kibutz – inicialmente era uma comunidade agrícola em que todas as propriedades e meios de produção eram coletivos. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/kibutz/>. Acesso em: 13 maio 2022.

Para o feito, Høyer reuniu-se com um grupo de amigos e começou um debate sobre a vida em comunidade, para investigar quais as necessidades das pessoas do final do século XX. Como em 1964 as mulheres já trabalhavam fora de casa, havia uma redução no número de filhos e aumento na expectativa de vida. Logo ele passou a buscar alternativas inclusivas, diferentes dos modelos pré-estabelecidos na sociedade industrial. Suas intenções naquele momento era propor esse tipo de comunidade, sem preconceitos.

O grupo se constituiu em meados dos anos 70 e logo fizeram a aquisição do terreno, para a construção, porém ele não saiu do papel com facilidade. Quando então foi publicado um artigo de uma psicóloga sobre educação de filhos, que estimulou o prosseguimento da proposta de Høyer, de acordo com Lubochinski.

Dessa forma ele foi construído em 1972 em Copenhague, pelo grupo de 27 famílias, que de acordo com Lubochinski, perceberam a importância da comunidade e que a “família nuclear é uma coisa apertada e difícil”. Eles desejavam esse senso de comunidade colaborativa no *bofælleesskaber*, que significa vida em comunidade no idioma dinamarquês.

O arquiteto americano Charles Durrett visita o *Cohousing Skraplanet*, em companhia de seu idealizador e morador, o arquiteto Jan Gudmand Høyer, que segundo Durrett elegera, teve a capacidade de influenciar a Europa e depois o mundo. Pois Charles Durrett e Kathryn McCamant traduzem para o inglês, passando a chamar de *Cohousing* e contam para o resto do mundo escrevendo vários livros sobre o assunto. Durrett atua como consultor, facilitador de comunidades, além de ser ministrante de curso sobre o tema. (The Cohousing Company, 2022).

Outros grandes teóricos acerca do tema são Cris ScottHanson e Kelly ScottHanson, que escreveram *The Cohousing Handbook- Building a Place for Community*, Cris ScottHanson atua também em consultoria de *Cohousing* e com ampla experiência no desenvolvimento desse tipo de comunidade, que já está consolidada na América do Norte, pois oficialmente são 111 e 22 em formação nos EUA, dado esse de 2014. De acordo com ScottHanson, trata-se das melhores características para o modelo de habitação multifamiliar. Os teóricos citam que *Cohousing* é um tipo de comunidade intencional para pessoas que buscam um estilo de vida alternativo, o qual tem como prioridade resgatar o verdadeiro sentido de bairro e viver em comunidade.

Esse modelo se faz presente em diversos países do Mundo, além da Dinamarca e EUA, como Canadá, Inglaterra, Itália, Espanha, França, Suécia entre outros.

Cada um com suas particularidades, podem ser intergeracionais, sênior, vegano, LGBTQIA+ e outros tipos. Sua localização, pode ser central, periférica, litorânea ou rural, conforme o desejo do grupo, porém alguns elementos arquitetônicos são típicos, como o processo participativo, que é uma premissa do modelo, sua gestão, num sistema de governança horizontal não hierárquico, partindo do pressuposto de que todos os integrantes são equivalentes.

Quanto a urbe, a rua central peatonal é recorrente, os espaços verdes, a mínima ou não circulação veicular automotiva em seu interior, com estacionamentos periféricos ou no subsolo. A *Common House* (casa comunitária) é o ambiente com maior influência e relevância para a vida em comunidade, pois nela acontecem o preparo e servem-se as refeições comunitárias, ampla área de convivência, depósito e sala de ferramentas, salas rotativas para afazeres e oficinas variadas, as de jogos, biblioteca, academia, lavanderia e outros espaços, que podem variar de acordo com o grupo, pois nas rodas de conversa, durante o exercício de visão coletiva essas necessidades devem aparecer.

Nos espaços abertos ele podem contar com áreas comunitárias como jardim comunitário, pomar, horta, campo de futebol, piscina e outros.

Os rendimentos são separados, cada indivíduo é responsável por manter-se de forma autônoma.

Lubochinski cita ainda a importância de a arquitetura considerar a visão coletiva em conjunto com o terreno, para definir a tecnologia construtiva, a materialidade e a linguagem arquitetônica, para atender à necessidade específica daquele projeto, pois não existe um modelo hipotético pronto de *Cohousing*.

Sabe-se que o complexo pode ter uma composição horizontal ou vertical, com o número de unidades habitacionais privativas (UVP – Unidade de vida privada) variando entre 10 a 56 unidades. Porém o menor número de integrantes amplia os custos e reduz as divergências, logo o maior número de integrantes reduz custos e amplia as divergências, por isso a importância da visão coletiva para contornar esses desafios e alcançar o objetivo do grupo em questão.

## 2.4 ANÁLISE DAS FASES DO COHOUSING

Anteriormente, foi apresentada a primeira experiência de comunidade *Cohousing*, que surgiu na Dinamarca nos anos 70, a partir dela, surgiram padrões para planejamento, dimensional e distribuição espacial. Para Jan Gudmand Høyer, considerado o idealizador do movimento na Dinamarca, identifica quatro gerações distintas, de acordo com Scotthanson & Scotthanson (2005):

- Primeira geração *Cohousing*: Os primeiros exemplares de *Cohousing* possuíam as UVPs<sup>14</sup> e a casa comum de mesmo tamanho com aproximadamente 140m<sup>2</sup>. Os integrantes da comunidade ainda não tinham consciência da importância e das formas que iriam utilizar essa área comum. Um exemplo da primeira geração é o “*Skraplanet*”, local onde o próprio Jan Gudmand Høyer vivia<sup>15</sup>.

Figura 8 - Unidade habitacional *Skraplanet*



Skraplanet unit

Fonte: DK 99 – Acesso em: <https://l.cohousing.org/dk99/>

- Segunda geração *Cohousing*: Com a melhor compreensão de comunidade, houve a ampliação da confiança, identifica-se a redução para um pouco mais de 90m<sup>2</sup> das UVPs e ampliação da casa comum para mais de 400m<sup>2</sup> e a sua localização foi centralizada, para maior relação com as unidades habitacionais. Nessa geração, o acesso e circulação de pedestres foi valorizado. Um exemplo da segunda geração é a comunidade de “*Trudeslund*” na Dinamarca.

<sup>14</sup> UVPs – Plural de Unidade de vida Privada.

<sup>15</sup> Jan Gudmand Høyer faleceu em 6 de março de 2017, aos 81 anos.

Figura 9 - Casa comum do Trudeslund



Fonte: DK 99 – Acesso em: <https://l.cohousing.org/dk99/>

- Terceira geração *Cohousing*: Ampliação do dimensional da casa comum que passa para 900m<sup>2</sup> e as UVPs fica em média de 70m<sup>2</sup>, área privativa deveria dispor de áreas para a privacidade pessoal, para descanso, físico e psicológico. Ocorre a aproximação da casa comum, a qual recebe complementação de atividades, como sala de música, ela fica próxima das unidades privadas, ficando juntos em um edifício, na maioria das vezes conectados por uma cobertura de vidro. Um exemplo de Cohousing de terceira geração é o “WindSong” em Vancouver, ainda que as unidades privadas sejam um pouco maiores.

Figura 10 - WindSong



Fonte: WindSong – Acesso em: <https://windsong.bc.ca/>

- Quarta geração *Cohousing*: A característica dos aglomerados de segunda e terceira geração reunidos em uma vila maior, como por

exemplo o bairro de 48 unidades localizado na aldeia de Ballerup, Dinamarca, com inclusão do comércio.

Figura 11 - Unidade habitacional e moradora - Killen



Fonte: DK 99 – Acesso em: <https://l.cohousing.org/dk99/>

## 2.5 ESTRATÉGIAS PARA INSERÇÃO DA ESTRUTURA LEGAL, PROPRIEDADE, POSSE E APORTE FINANCEIRO

As estratégias para o financiamento e desenvolvimento do *Cohousing*, variam de acordo com a situação e a disponibilidade de recursos disponíveis no mercado para aquela comunidade. Identifica-se a relação colaborativa entre diversos agentes e instituições em parcerias público-privadas-cívicas, que demonstram o envolvimento de mais comunidades. O mercado e o *Cohousing* estabelecem conexão através da propriedade e posse ponderando as particularidades das leis, da política de habitação e as condições do mercado imobiliário de cada lugar. A forma de enfrentamento das crises urbanas, varia de acordo com as escolhas do grupo e seguindo sua ideologia, que foram determinantes para a questão projetual. (Hagbert et al., 2020).

Para ScottHanson e ScottHanson (2005), é essencial o estabelecimento de entidade legal com auxílio profissional, para dar segurança financeira e definir os direitos referente aos acordos legais, com a definição de qual estrutura de propriedade será adotada. Os principais modelos existentes de configurações disponíveis, são:

- Propriedade privada: as unidades individuais comercializadas a valores de mercado são o elemento determinante deste modelo, porém, os meios legais e de propriedade podem variar, como por exemplo cooperativas 'privatizadas'. Se a proposta visar à acessibilidade e inclusão, esta é a apontada como a forma menos socialmente sustentável de *Cohousing*.

- Cooperativa: envolvem propriedade coletiva sem visar lucratividade, na maioria dos casos, concebe a compra da conjunta para se tornar parte da comunidade, não havendo sua negociação no mercado. Independentemente do tamanho das cooperativas, estas redigem um contrato de aluguel com os grupos de *Cohousing* alugando casas ou apartamentos.
- Parceria público-privada: são projetos de *Cohousing* que trabalham em conjunto com empresas de habitação públicas ou privadas. Este modelo tem destaque na Suécia, ainda que também exista na Alemanha. Mesmo que as associações sejam compostas pelas pessoas da sociedade civil, são dependentes dos governos locais. Uma falha identificada é a questão de que a maior parte das propriedades esta baseada no comércio imobiliário tradicional, deixando tais experiências sem obtenção de êxito na desmercantilização da habitação.

As duas principais forças que moldam a política do *Cohousing* foram identificadas por Hagbert (2020), a de reação à crise do urbanismo neoliberal e a ação dos governos locais, que historicamente utilizam a coabitação com instrumento político, a exemplo de Hamburgo e Barcelona. Porém, com o neoliberalismo, o Estado perde força enquanto provedor e uma espaço surge, permitindo o *Cohousing* ganhar espaço entre a autoconstrução particular e a oferta empresarial ou de mercado, interagindo com o público e o privado.

## 2.6 O COHOUSING NO BRASIL

No Brasil, ainda não existe nenhum *Cohousing* implantado. Mas é crescente o número de grupos em formação no território nacional principalmente na região sudeste e sul. Com a intenção de conectar e divulgar novos grupos, profissionais de diferentes especialidades e estudiosos do tema uniram-se e formaram o site “Cohousing em Rede”, no ano de 2020, gerado pela inquietação de pensar como esse tipo de comunidade intencional se adapta à realidade nacional.

No grupo, se faz presente Bento da Costa Carvalho Jr. e sua esposa Neusa da Costa Carvalho, que trabalham juntos desde 2013, na constituição do *Cohousing*, Bento foi coordenador do GT<sup>16</sup>-Moradia/ADunicamp e Neusa membro deste GT, que deu origem, em 2016, à proposta da “Cohousing Sênior Vila ConViver”, em implantação em Campinas-SP.

O Cohousing Sênior Vila ConViver é uma associação de moradores, sem fins lucrativos e com estatuto próprio. Cabe ressaltar que a propriedade e bem feitorias que serão realizadas, são exclusivamente de propriedade da associação, os membros são proprietários de cotas associativa e patrimonial, diferente do condomínio residencial tradicional e cada associado tem seus recursos financeiros pessoais.

A previsão de inauguração do *Cohousing* era para o ano de 2020, porém com a pandemia de Covid - 19 alterou os prazos. Atualmente (2022), encontra-se na fase de elaboração do projeto arquitetônico a ser submetido à Prefeitura.

Eles apontam que a falta de conhecimento sobre o conceito é um desafio a ser vencido, por isso a necessidade de divulgação do tema. Também acreditam que a formação no país de arquitetos e facilitadores especializados em *Cohousing* contribuirá positivamente no processo de construção de novas comunidades, abreviando o seu tempo de implantação.

Cabe citar a especialista do tema, a arquiteta e urbanista Lilian Aviva Lubochinski, que a frente do seu escritório - Situação, trabalha na linha de frente do Co-lares Brasil, atuando também como designer, facilitadora, palestrante e ministrante do curso de Introdução ao *Cohousing*.

Através de suas experiências, desenvolvidas durante sua formação acadêmica de arquitetura e urbanismo em Israel e morando em um Kibutz<sup>17</sup>, começou a debater o tema da “geroarquitectura” a partir daquele período e trouxe o assunto para Brasil em 1988, quando ela estava com 40 anos. Trabalhou para a formação de assentamentos humanos na modalidade de processos participativos e essas experiências a conduziram para a direção do cohousing. Na Califórnia foi aluna de Charles Durrett, onde experienciou a vida dentro de uma comunidade intencional desses moldes.

---

<sup>16</sup> GT -Grupo de Trabalho – voluntário para as tarefas de formação da comunidade cohousing.

<sup>17</sup> Kibutz – inicialmente era uma comunidade agrícola em que todas as propriedades e meios de produção eram coletivos. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/kibutz/>. Acesso em: 13 maio 2022.

Sua predileção é o *Cohousing* Sênior, por isso busca encontrar diferentes ferramentas que viabilizam essa recuperação de comunidade, para integrar a proposta de habitação colaborativa, onde todos ganham, regimentados pela *gift economy*<sup>18</sup>, onde todos podem ser ricos do que o dinheiro não é capaz de comprar. Ainda, participa de um grupo em formação, pois a *Cohousing* é a melhor alternativa para curar a sociedade do isolamento e solidão, de forma que o ser humano recupera seus valores sagrados e deixa de ser um organismo nocivo ao planeta, pois a sustentabilidade é uma missão dos integrantes do *Cohousing*.

É possível citar outros profissionais que atuam como entusiastas do modelo cohousing, como Edgar Werblowsky, fundador da Freeway Viagens, empresa pioneira em Ecoturismo no Brasil. Ele também é Fundador da Immaginare Experiências; Criador da Free Aging - plataforma de eventos da Longevidade; Criador do Fórum de Moradia para a Longevidade, do Fórum de Talentos Grisalhos da Longev Week e do Fórum de Comunicação e Consumo para o Mercado Grisalho. Além disso, também é Engenheiro Civil. Outro assunto que engloba suas ocupações: também é Coordenador do Curso Internacional de Cohousing - prática onde uma comunidade de casas particulares se agrupa em torno de um espaço compartilhado.

Para ele o *Cohousing* começa, geralmente, com a reunião de alguns amigos que se propõem compor e a materializar um sonho de viverem juntos, próximos, e compartilhar uma parte de suas vidas. A partir deste primeiro passo, esse grupo inicial começa a atrair outros amigos, e o grupo vai tomando forma, até evoluir para verdadeira comunidade, solidificando a relação entre elas.

Na região sul, temos a atuação da arquiteta e urbanista Tania Kopruszinski em Curitiba – PR, na formação do primeiro sênior cohousing do município, destinado para o público 50+, de nome “Vilarejo Senior Cohousing”. Este completa seu primeiro ano de formação em fevereiro. Em março passado reuniram-se para conhecer as possibilidades de forma jurídica para um *Cohousing*. Atualmente buscam integrantes e a procura do terreno deve ocorrer agora no segundo semestre de 2022.

Para ela, o *Cohousing* é um grupo de pessoas que se reúne, com a intenção de criar uma comunidade colaborativa, cada um com sua casa, mas compartilhando dos espaços e atividades, priorizando o pedestre e seus vizinhos.

---

<sup>18</sup> Gift economy – Economia sagrada ou economia da doação.

Outro grupo, é formado pela união das arquitetas e urbanistas Deize Sbarai Sanches Ximenes, Catharina Christina Teixeira e Rosangela Rachid, que compõem a “E- Cohousing Brasil”, com o objetivo de divulgar e assessorar a construção de *Cohousing*, de forma a divulgar a experiência de vida em grupo, com respeito a natureza, utilizando para a estrutura o seguinte tripé:

[...] saúde, sustentabilidade e moradia, tratando estes princípios de forma integrada e multidisciplinar. (E-COHOUSING BRASIL,2022).

O *Cohousing*, é apontado como um modelo alternativo de moradia, que coloca em evidência o valor de uso em vez de seu valor de troca, pois conforme as falas de Lubochinski e Werblowsky (2022) o” *Software*” (pessoas) está acima do “*Hardware*” (edificações). O processo é gradativo e intencional para compor o grupo de pessoas diferentes, com a finalidade de conexões entre as afinidades e interesses comuns, adotando a CNV (comunicação não-violenta), a sociocracia, e a construção de visão coletiva que irá resultar no regramento de todo o planejamento, construção, normas e planos de ação da comunidade.

Aponta-se também que o *Cohousing* Sênior é um modelo promotor do envelhecimento ativo, por conta da participação nas atividades que serão desenvolvidas. As quais visam atender as necessidades individualmente a cada grupo.

Cabe citar que existem alguns valores que se repetem na literatura sobre Cohousing:

- Participação no planejamento;
- Equivalência igualitária;
- Interação social;
- Cooperativismo;
- Acessibilidade financeira;
- Compartilhamento

- Segurança;
- Sustentabilidade;
- Localização estratégica e a
- Linguagem arquitetônica.

Assim pode-se dizer que os objetivos principais do *Cohousing* são as conexões entre os moradores, desenvolvendo os princípios da vida colaborativa e compartilhada, de forma sustentável. O conceito, é mais que uma moradia, é um estilo de vida, que resgata os valores de comunidade. (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2005).

### 3 ASPECTOS DO LUGAR

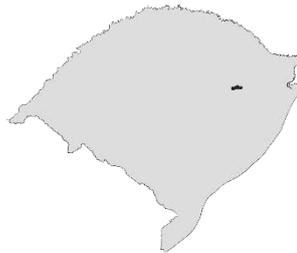
Neste capítulo serão apresentados dados acerca do município de Carlos Barbosa, o bairro Triângulo e a área de implantação da proposta do *Cohousing*.

#### 3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Carlos Barbosa, está situada na serra gaúcha, região da uva e vinho, distante 107km de Porto Alegre. Conhecida como a terra da faca, do queijo e do futsal. No território encontram-se empresas centenárias em atuação, como a Tramontina (1911) e a Santa Clara (1912).

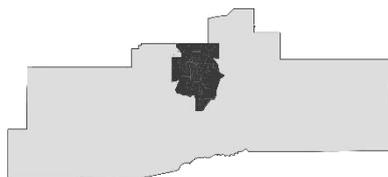
A diversidade cultural é outra marca do município, pois recebeu influência de mais de doze etnias que se estabeleceram no território, considerado uma referência da imigração europeia estabelecida no Rio Grande do Sul. Assim apresenta um elevado índice de crescimento populacional, consequência dos movimentos migratórios que se deslocam para o município atraídos pela oferta de emprego e qualidade de vida.

Figura 12 - Mapa do RS - localização de Carlos Barbosa



Fonte: Autora,2022

Figura 13 - Limites municipais de Carlos Barbosa - destaque área urbana



Fonte: Autora,2022

### 3.2 PERFIL SOCIO- ECONÔMICO

Afim de ter-se acesso aos dados atualizados, consultou-se o Sebrae/RS<sup>19</sup> (2020), a fim de levantar o número populacional, onde se identificou 24.413 habitantes na área urbana e 6.461 na área rural.

Cabe revisitar o dado apresentado no capítulo 1, a respeito do crescente processo de transição demográfica no município, com base no Censo do IBGE<sup>20</sup> de 2010 e estimativas divulgadas pelo DEE<sup>21</sup>. O Plano Municipal de Saúde 2022 - 2025, divulgou essa situação, fazendo uma relação que para cada 100 jovens (a partir dos 15 anos) encontra-se 114,18 idosos (a partir dos 60 anos), de acordo as estimativas preliminares elaboradas pelo Ministério da Saúde/SVS<sup>22</sup>/DASNT<sup>23</sup>/CGIAE<sup>24</sup> (2000 a 2020).

No setor de atividades econômicas municipais, de acordo com o SEFAZ/ FEE<sup>25</sup>, estão divididas em:

- Indústria: 69,22%;
- Agropecuária: 9,31%;
- Comércio: 14,09% e
- Serviços: 7,38%.

Com média salarial de 3,2 salários mínimos (2019).

### 3.3 ÁREA DE INTERVENÇÃO

O bairro Triângulo surgiu com o crescimento da cidade na década de 70, na direção nordeste. O impulso inicial foi com a construção e o asfaltamento da rodovia São Vendelino, pois anteriormente só existia a ligação através da Buarque de Macedo. Indústrias começaram a implantar suas fábricas nas proximidades e como consequência o número de casas começou a crescer. Atualmente, o território possui média densidade, com expansão para a porção noroeste, área onde está localizada a gleba selecionada para a proposta do projeto. O bairro é limítrofe a região central do

---

<sup>19</sup> SEBRAE/RS – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul

<sup>20</sup>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>21</sup> Departamento de Economia e Estatística – RS.

<sup>22</sup> Secretaria de Vigilância em Saúde do Governo Federal.

<sup>23</sup> Departamento de Análise em Saúde e Vigilância das Doenças Não Transmissíveis.

<sup>24</sup> Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas.

<sup>25</sup> SEFAZ/FEE – com base no valor adicionado – retirado do Plano Municipal de Saúde 2022 a 2025.

município. Possui variada oferta de serviços, comércios, instituições religiosas e educacionais. Também é atendido pelo transporte público.

Figura 14 - Raio de área de bairro - 500m



-  Ponto de ônibus
-  Mercado
-  Ginásio
-  Praça espontânea
-  Clube

Fonte: Autora,2022

A gleba selecionada para a proposta fica a 1,3Km do centro, com área total de 38.542,20 m<sup>2</sup>, apresenta pequena APP no quadrante noroeste. Possui formato irregular, e na testada norte existe massa vegetal, que serve como cinturão verde dessa região, com presença de Araucárias e Eucaliptos que poderão ser conservados. Na porção sul e leste, existe a opção de acessos por vias pavimentadas, com destaque para a Rua Independência que faz esquina com a Rua Expedicionário A. N. Ceratti, a qual proporciona um percurso agradável devido a sua suave inclinação.

Figura 15 - Imagens internas da área de intervenção



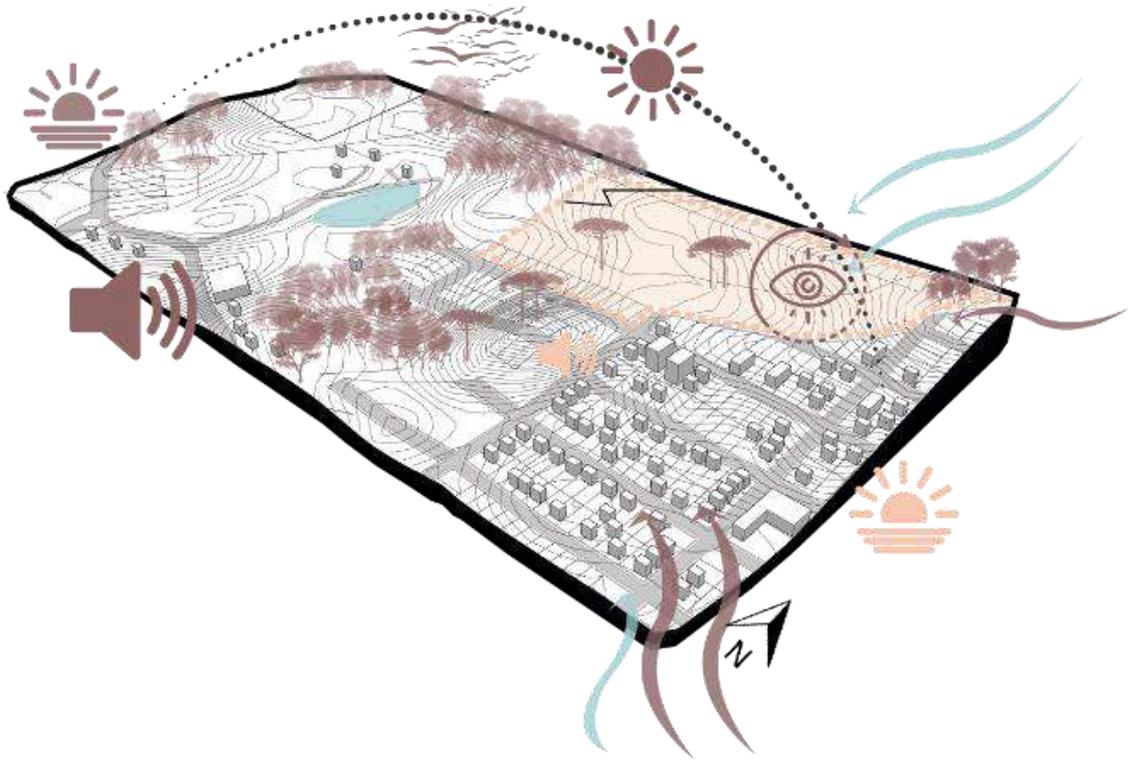
Fonte: Autora,2022

Figura 16 - Imagens externas da área de intervenção



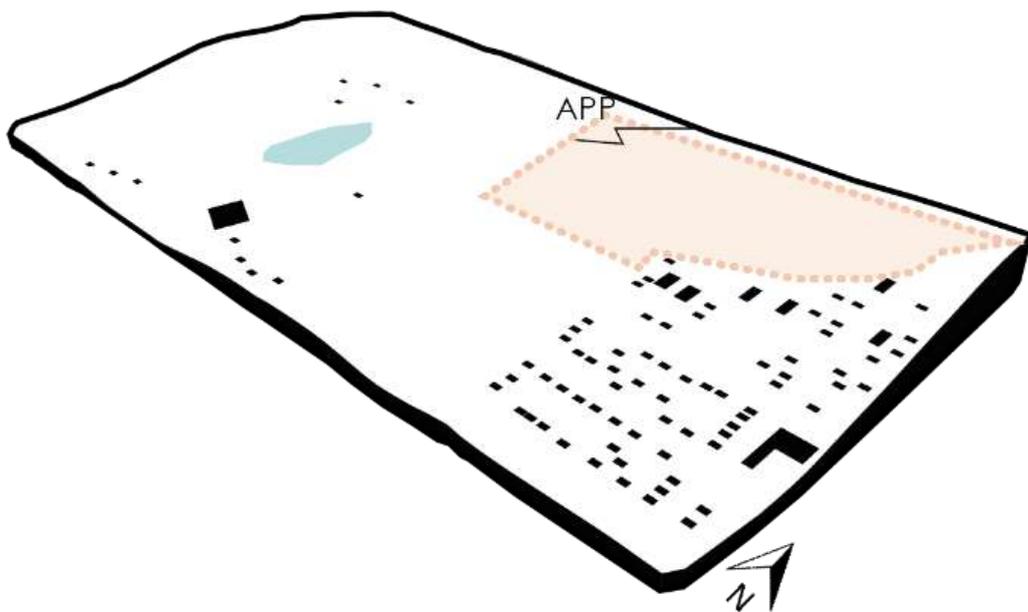
Fonte: Autora,2022

Figura 17 - Condicionantes físicos - ambientais



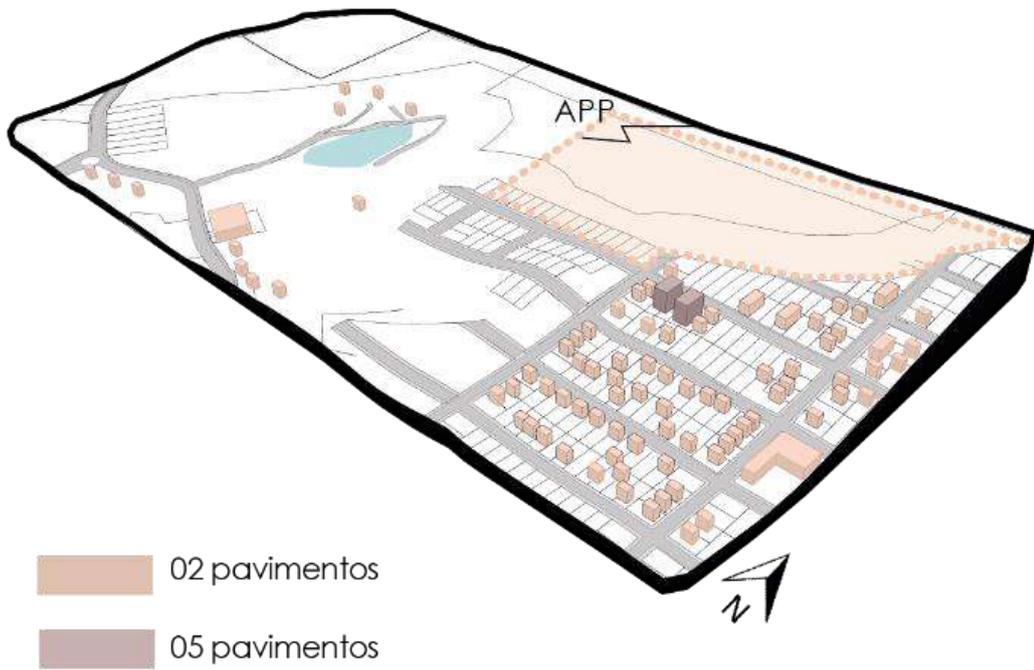
Fonte: Autora,2022

Figura 18 - Cheios e vazios



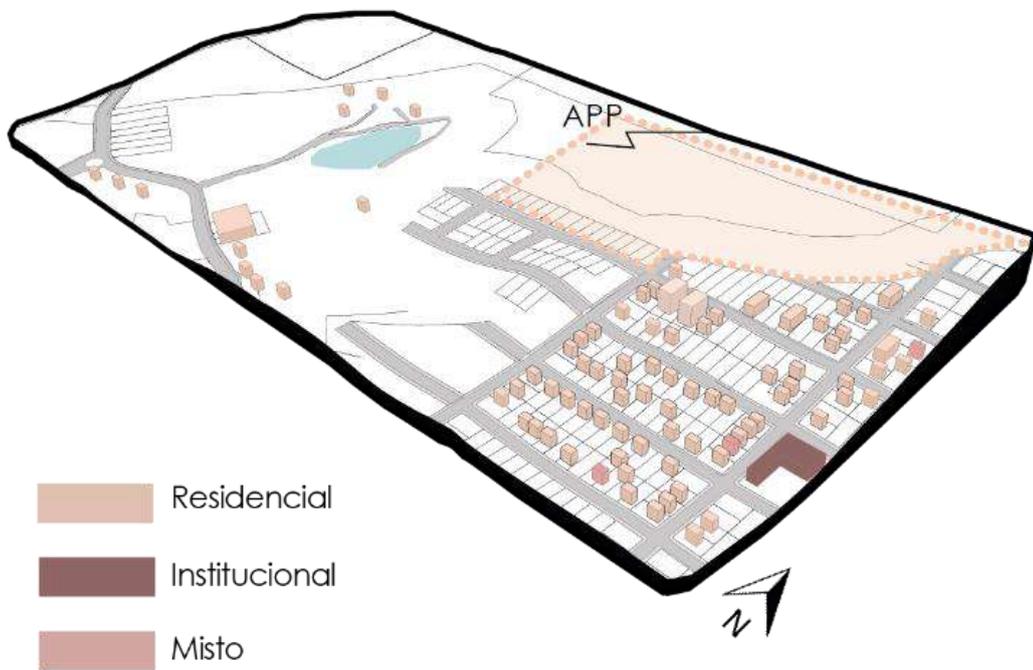
Fonte: Autora,2022

Figura 19 - Alturas



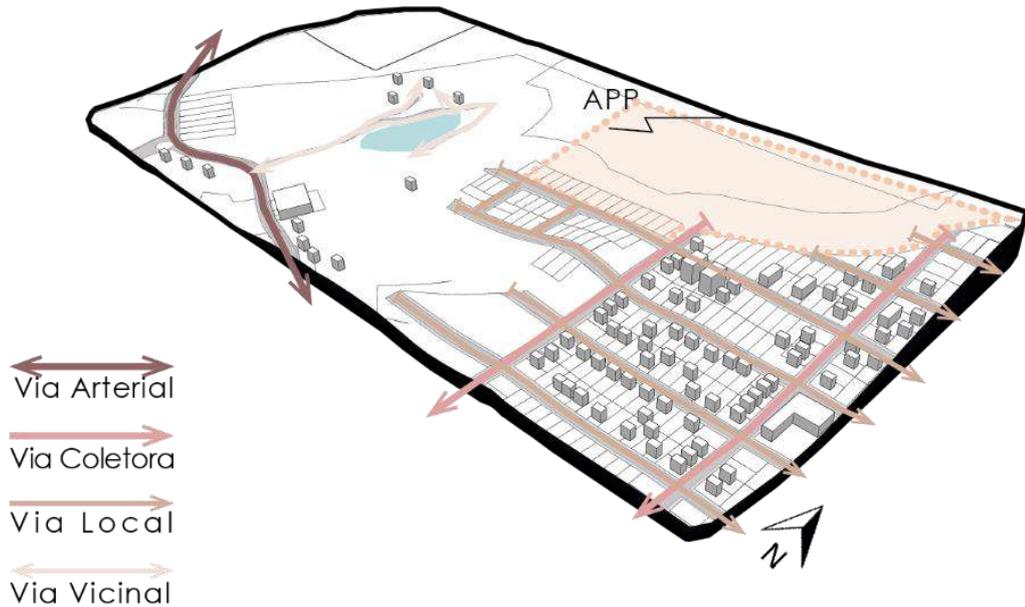
Fonte: Autora,2022

Figura 20 - Usos



Fonte: Autora,2022

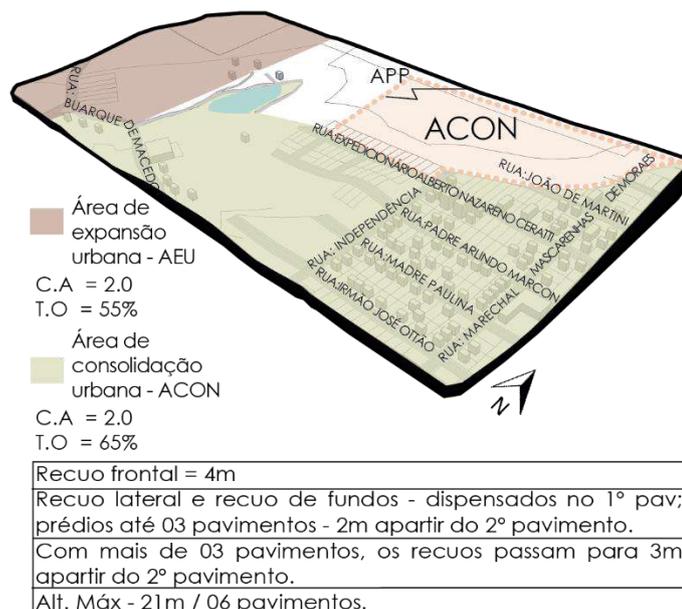
Figura 21 - Hierarquia viária



Fonte: Autora,2022

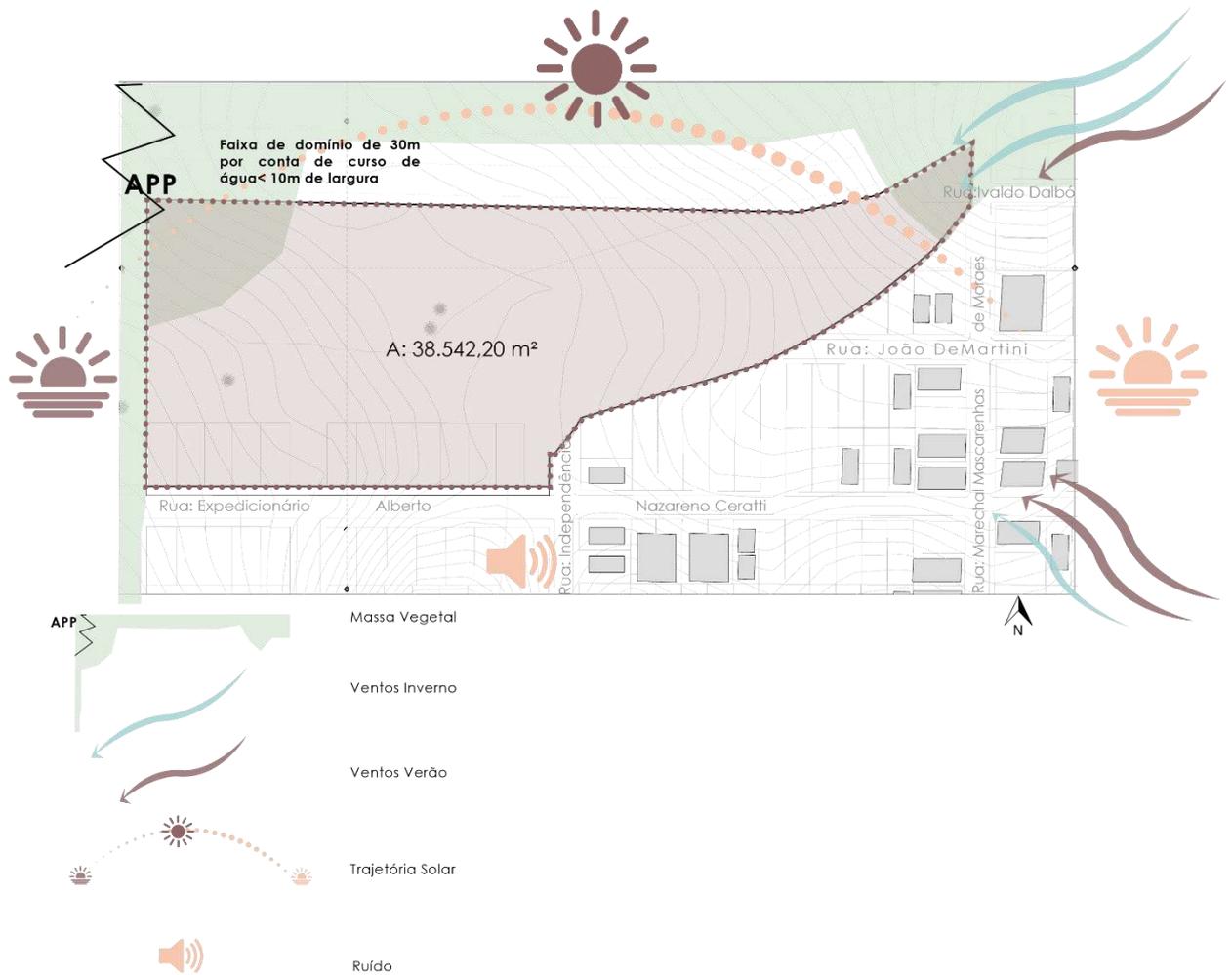
Em consulta ao Plano Diretor, identificou-se que o recorte ainda não está sob regramento de uso de solo. De acordo com o Setor de Planejamento constatou-se que essa área pode ser considerada Área de Consolidação Urbana (ACON), de acordo com responsável técnico da Prefeitura Municipal.

Figura 22 - Regramento do uso do solo - ACON



Fonte: Leis Municipais - Plano Diretor – adaptado pela autora,2022

Figura 23 -Mapa síntese



Fonte: Autora, 2022

Observou-se ainda o potencial de o terreno estimular o uso do espaço urbano para a população idosa, uma vez que está conectado as vias principais da cidade. Dessa forma, acredita-se que Carlos Barbosa por ser caracterizada por um alto índice de idosos, possa acentuar a afeição ao meio rural, integrado ao ambiente urbano.

## 4 ASPECTOS FUNCIONAIS

Este capítulo tem como principal objetivo apresentar o Programa de Necessidades e respectivo pré-dimensionamento. Para tanto, foram consultadas diversas bibliografias de estudiosos, integrantes e profissionais que atuam em comunidades *Cohousing*. Nessa etapa, avaliou-se os parâmetros de espaço privado e coletivo para uma melhor compreensão dos fluxos, disposição dos elementos arquitetônicos para estimular a interação dos integrantes da comunidade.

### 4.1 REFERENCIAL FUNCIONAL E FORMAL

Uma comunidade analisada foi a Comunidade Silver Sage Village - Wonderland Lake Development Company - Jim Leach e The Cohousing Company - Charles Durret.

Silver Sage Village está localizado na área artística no norte de Boulder, Colorado – EUA, composta por dezesseis unidades habitacionais e vinte quatro moradores, com sua construção finalizada no ano de 2007.

Figura 24 - Implantação da comunidade Silver Sage Village



Fonte: <https://www.cohousingco.com/silver-sage/s3a0enw78eksjldbj8yavlcir2tg9d>

Figura 25 - Perspectiva da Comunidade Silver Sage Village



Fonte: <https://www.cohousingco.com/silver-sage/s3a0enw78eksjldbj8yavlcir2tg9d>

Para a utilização do grupo foi construída também uma “Casa Comum” (Casa comunitária), para receber aulas, reuniões e eventos para grupos de até 50 pessoas. No piso principal encontra-se: uma cozinha gourmet, uma sala de jantar com lareira e sala de estar, com acesso ao pátio, área de estar e uma biblioteca com sala de cinema.

Figura 26 - Pátio e acesso a Casa Comum



Fonte: <https://silversagevillage.com/>

Figura 27 - Cozinha



Fonte: <https://silversagevillage.com/>

Figura 28 - Sala de Jantar e Estar



Fonte: <https://silversagevillage.com/>

Figura 29 - Biblioteca e sala de cinema



Fonte: <https://silversagevillage.com/>

Foi incluso a proposta uma sala intitulada: “Sala Corpo/Mente/Espírito”, para realizar aulas, exercícios, reuniões, pode-se dizer uma sala de uso flexível.

Figura 30 - Sala flexível



Fonte: <https://silversagevillage.com/>

O pátio está ligado a sala de jantar e a cozinha. Ele foi equipado com churrasqueira, com mesas e cadeiras 30 lugares, conforme a sala de jantar.

No segundo andar encontra-se um deck com vistas das montanhas do entorno e espaço de jantar adicional.

Figura 31 - Deck - segundo andar



Fonte: <https://silversagevillage.com/>

A sua localização também é um atributo a se destacar, pois a comunidade fica próxima de espaços de lazer, com a comodidade de contar com comércio, serviços, inclusive para o bem-estar e a saúde e transporte público gratuito.

Os integrantes definem-se como entusiastas da filosofia do “Envelhecimento em Comunidade”. O perfil é variado o que enriquece as trocas de experiências, pois os integrantes são da classe artística ou profissionais liberais, alguns já aposentados, pois tratasse de uma comunidade Sênior.

Áreas de propriedade compartilhada:

- Casa Comum;
- Quartos de hóspedes;
- Horta Comunitária;
- Oficina e
- Lavanderia

As tomadas de decisão devem ser em consenso, as refeições coletivas ocorrem de uma a duas vezes por semana, a participação é opcional. A visão coletiva busca enxergar a “Visão do Outro”.

Unidades habitacionais são privativas, o que possibilita a individualidade desejável, de acordo com os moradores e apontada pelos especialistas acerca do tema.

Para o referencial formal, se adotou características da arquitetura vernacular, dessa forma foi eleita a cobertura inclinada, que remete a arquitetura imigrantista europeia da colonização da serra gaúcha, da qual os Barbosenses são descendentes em sua maioria.

Figura 32 - Apartamentos Mary Potter / Warren and Mahoney



## 4.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ -DIMENSIONAMENTO

Como explanado anteriormente, o programa de necessidades foi elaborado a partir da definição das áreas mínimas dos compartimentos internos que fossem capazes de contemplar requisitos mínimos de acessibilidade universal e conforto nas UVPs<sup>26</sup>. Com a finalidade de atender o perfil de necessidades de cada integrante, foram propostas três tipologias.

A Casa Comunitária deve ter áreas amplas, integradas e com possibilidade de diversos usos. No espaço, disponibilizar-se-ão salas para atividades físicas, lazer, saúde e trabalho. Nas áreas externas, serão propostos usos e atividades para os integrantes da comunidade.

Inicialmente planejou-se que as primeiras UVPs seriam de aproximadamente 83m<sup>2</sup> e 108m<sup>2</sup>, pois teriam três tipologias para se adequar a necessidade dos usuários.

Os ambientes foram distribuídos em uma sala integrada com a cozinha, lavanderia, um ou dois quartos, um banheiro e varanda frontal. A tabela a seguir apresenta o programa de necessidades e pré-dimensionamento:

Tabela 1 - Unidades de Vida Privada

Setor	Ambiente	Qnt.	Área (m <sup>2</sup> )	Área total(m <sup>2</sup> )
USO PRIVADO TIPO 1	Estar /Jantar	1	35,57	51,45
	Varanda	1	15,88	
	Cozinha	1	5,67	14,54
	Banho	1	4,59	
	Lavanderia	1	4,28	
	Dormitório 01	1	17,04	17,04
	<b>Total</b>			<b>83,03</b>
USO PRIVADO TIPO 2	Estar/Jantar	1	35,43	45,59
	Varanda	1	14,38	
	Cozinha	1	21,42	30,29
	Banho	1	4,59	
	Lavanderia	1	4,28	
	Dormitório 01	1	11,98	28,63
	Dormitório 02	1	16,65	
<b>Total</b>			<b>108,73</b>	
USO PRIVADO TIPO 3	Estar/Jantar	1	15,39	29,7
	Varanda	1	14,31	
	Cozinha	1	18,33	27,2
	Banho	1	4,59	
	Lavanderia	1	4,28	
	Dormitório 01	1	16,68	26,19
	Dormitório 02	1	9,51	
<b>Total</b>			<b>83,09</b>	

Fonte: Autora,2022

<sup>26</sup> UVPs – Plural de Unidade de vida privada.

O setor comunitário basicamente será composto pela Casa Comunitária, na qual poderão ser associadas, áreas cultivo como hortas e pomares, bem como os jardins e as quadras de esportes.

A Casa Comunitária, terá aproximadamente 2.440m<sup>2</sup> e será distribuída em: refeitório, sala de estar, sala de oficina, estação de trabalho, ambulatório, varanda, academia, sala de jogos, piscina, vestiários, ala de hóspedes com cozinha, banheiro e três dormitórios, área de apoio e serviço, com a cozinha coletiva, despensa, lavanderia, vestiários de funcionários, lavabos e garagem.

Tabela 2 - Casa Comunitária

Setor	Ambiente	Qnt.	Área (m <sup>2</sup> )	Área Total (m <sup>2</sup> )	
USO COMUM	Refeitório	1	118,77	663,85	
	Sala de jogos	1	115,6		
	Atelier para oficinas	1	32,09		
	Estação de trabalho	1	32,05		
	Estar	1	111,09		
	Circulação social	1	94,4		
	Hall	1	41,95		
	Enxada social	1	15,9		
	Varanda	1	102		
	Cozinha	1	36,49	827,35	
	Academia	1	86,1		
	Pilates	1	68,84		
	Yoga	1	44,6		
	Piscina	1	354,33		
	Ambulatório	1	28,2		
	Lavabo Ambulatório	1	2,55		
	Lavabo Unisex - PCD	2	4,16		
	Depósito/ manutenção	1	4,62		
	Vestiário feminino funcionários	1	5,6		
	Vestiário masculino funcionários	1	5,6		
	Banho feminino funcionários	1	3,46		
	Banho masculino funcionários	1	3,46		
	Circulação	1	8,17		
	Vestiário feminino piscina	1	33,71		
	Vestiário masculino piscina	1	33,71		
	Acesso de serviço	1	12,57		
	Banho hóspede/cuidador	1	3,99		
	Dormitório para hóspede/cuidador	3	9,17		
	Circulação de hóspedes/cuidadores	1	16,25		
	Copa hóspedes/cuidadores	1	7,85		
	Circulação piscina	1	20,68		
	Depósito de materiais da piscina	1	10,74		
	<b>Subtotal</b>				
		Portaria	2	7,27	948,79
		Lavabo portaria	2	2,26	
		Garagem	1	671,65	
	Reservatório	1	115,6		
	Sala do gerador	1	29,14		
	Bicicletário	1	6,7		
	Depósito	1	85,4		
	Bicicletário	1	21,24		
	<b>Total</b>			<b>2439,99</b>	

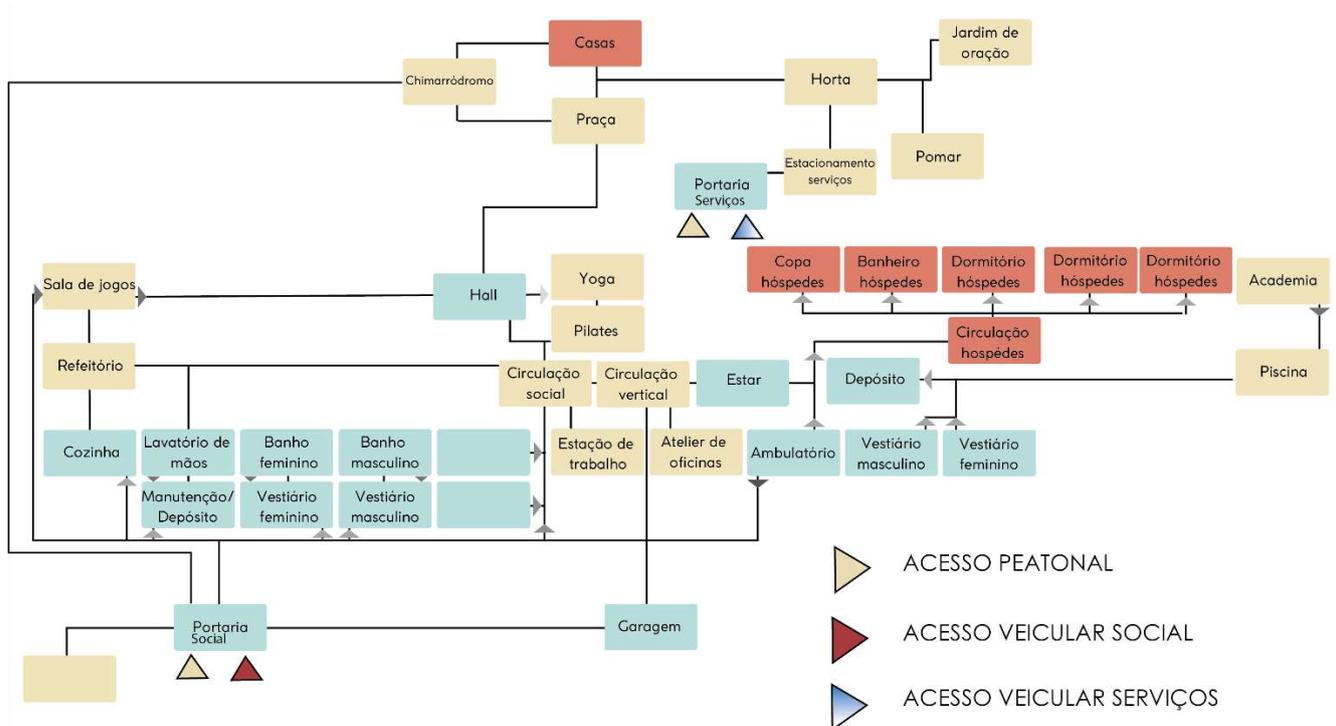
Fonte: Autora,2022

Na questão segurança, e para se separar o público do privado, foram instaladas duas portarias, sendo uma social e uma para serviços com estacionamento aberto para prestadores de serviços. Sua finalidade é dividir o fluxo circulatório no interior da área da comunidade.

Próximo a portaria de serviços, ficará a central GLP, medidores elétricos, hidráulicos e a depósito de lixo.

Os espaços de uso comunitário deverão englobar o maior número de programas coletivos para integrar os moradores. Busca-se assim estimular as experiências da vida compartilhada em um círculo de amigos.

Figura 33 - Fluxograma



Fonte: Autora,2022

Diretrizes principais:

- Estimular a caminhabilidade;
- Estimular os encontros casuais e
- Colaboração e interação desejável em ambientes de uso comunitário.

## 5 PARTIDO GERAL

Com premissas projetuais para a comunidade *Cohousing*, foram respeitadas as características com relação, a topografia, a insolação e a ventilação natural do terreno em conjunto com os aspectos climáticos, que tiveram influência direta na concepção.

### 5.1 IMPLANTAÇÃO

O planejamento da comunidade *Cohousing* localizada em Carlos Barbosa -RS, buscou fomentar interação social com a privacidade, reconhecendo as características físicas e ambientais do terreno, assim como sua vegetação existente.

Dessa forma, a evolução da proposta considerou as características intrínsecas de um *Cohousing*, como a centralização do seu sistema viário e ruas destinadas somente aos pedestres. Várias instalações comuns e áreas de apoio foram implantadas, de forma que a Casa Comunitária tivesse papel centralizador de atividades sociais e promovesse o convívio social, sejam moradores, cuidadores ou visitantes.

Figura 34 - Implantação da comunidade



LEGENDA:

1 - Portaria social  
2 - Quadra Poliesportiva  
3 - Cancha de bocha  
4 - Praça esportiva  
5 - Casa comunitária

6 - Jardim  
7 - Depósito de lixo  
8 - Medidores de energia e hidráulico  
9 - Central de GLP

10 - Portaria de serviços  
11 - Estacionamento serviços  
12 - Praça central  
13 - Churrascodromo  
14 - Residências

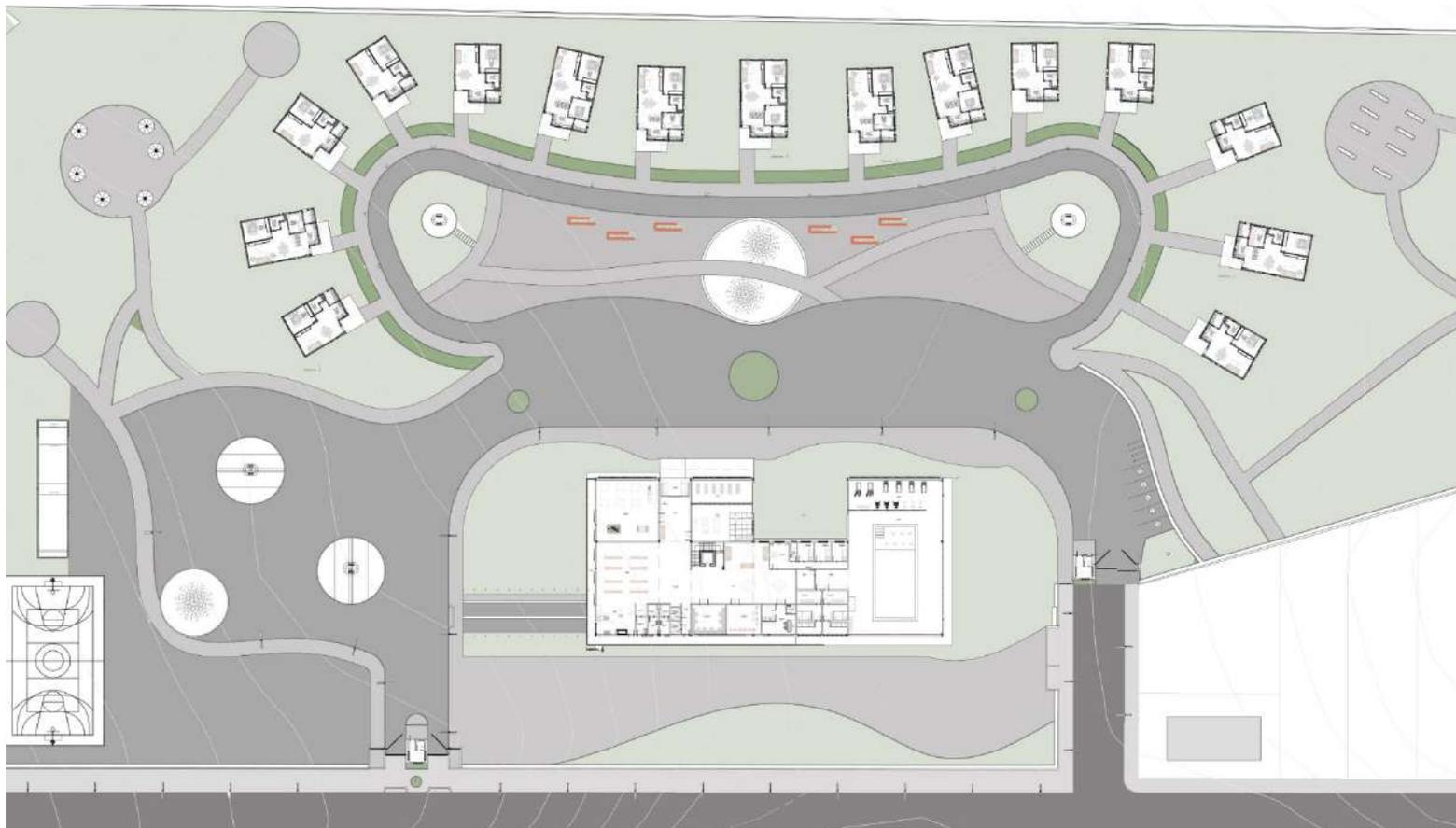
15 - Pomar  
16 - Horta  
17 - Jardim de oração

Fonte: Autora, 2022

Para os encontros foram distribuídos mobiliários urbanos estrategicamente junto ao sistema viário, com a função de aumentar a possibilidade de interação entre os residentes. Na implantação, também foram considerados princípios explicados por Lubochinski (2022) a respeito dos principais elementos que constituem a comunidade. A Casa Comunitária foi implantada em uma zona central, no maior campo de visão e rota de circulação dos integrantes da comunidade.

A Casa Comunitária e a praça esportiva foram localizadas na porção sul do terreno, próximas das ruas Expedicionário A. N. Ceratti e Independência, em contato com os transeuntes, gerando essa interação social com a comunidade do entorno.

Figura 35 - Planta baixa



Fonte: Autora,2022

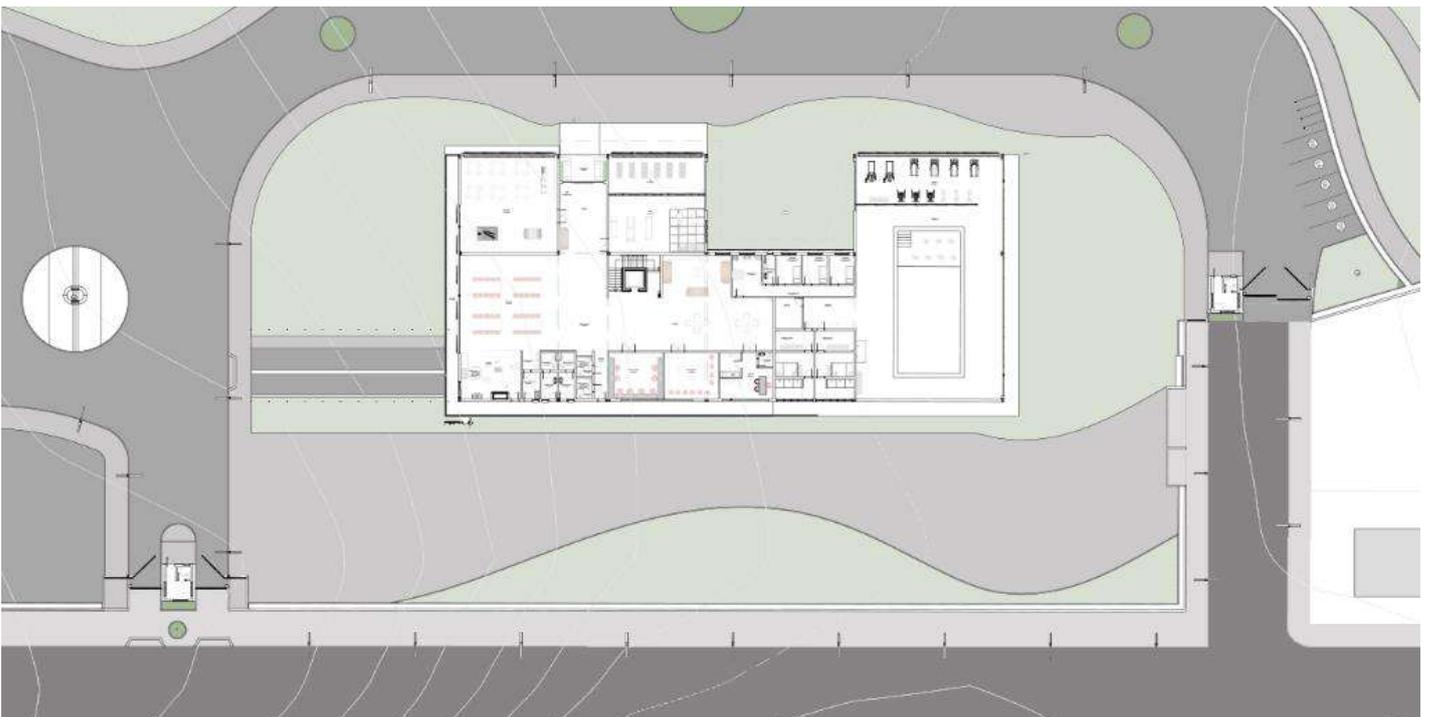
Figura 36 - Subsolo Casa Comunitária



Fonte: Autora,2022

A Casa Comunitária possui subsolo com garagem e alguns setores de serviços da edificação, além da circulação vertical que acessa a área social do condomínio.

Figura 37 -Planta baixa Casa Comunitária

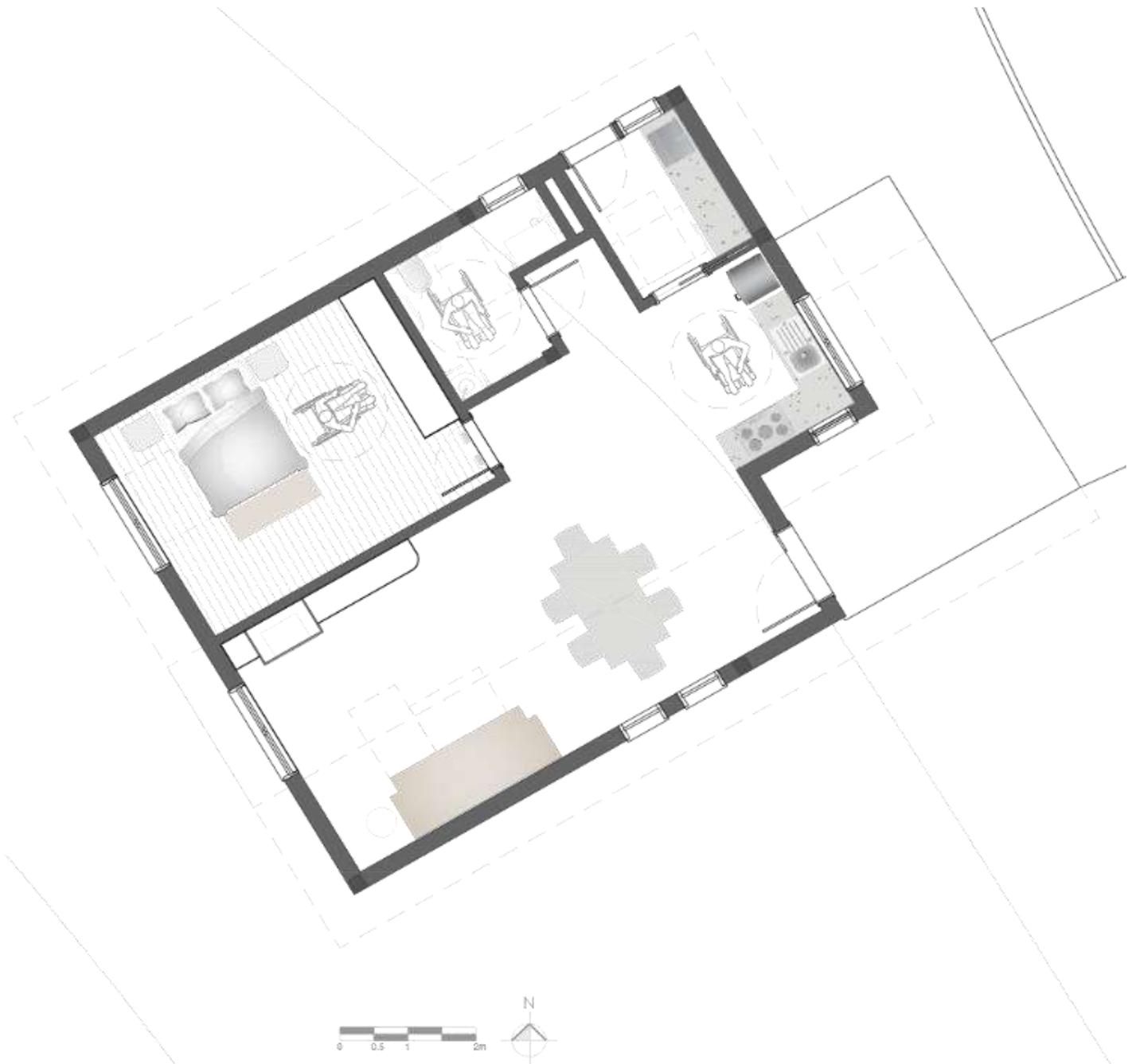


Fonte: Autora,2022

As unidades habitacionais foram dispostas na porção norte do terreno com a finalidade de proporcionar privacidade desejável. Serão três tipologias distintas, a fim de atender às necessidades específicas de seu(s) usuário(s).

A tipologia 1 compreende em uma casa de um dormitório para atender de uma a duas pessoas. Além disso, foram propostos ambientes integrados como cozinha, sala estar e jantar.

Figura 38 - UVP - Tipo 1



Já a segunda tipologia compreende uma casa com dois dormitórios, para atender de duas a quatro pessoas. Além disso ressalta-se que todos os espaços serão acessíveis e livres de desnível.

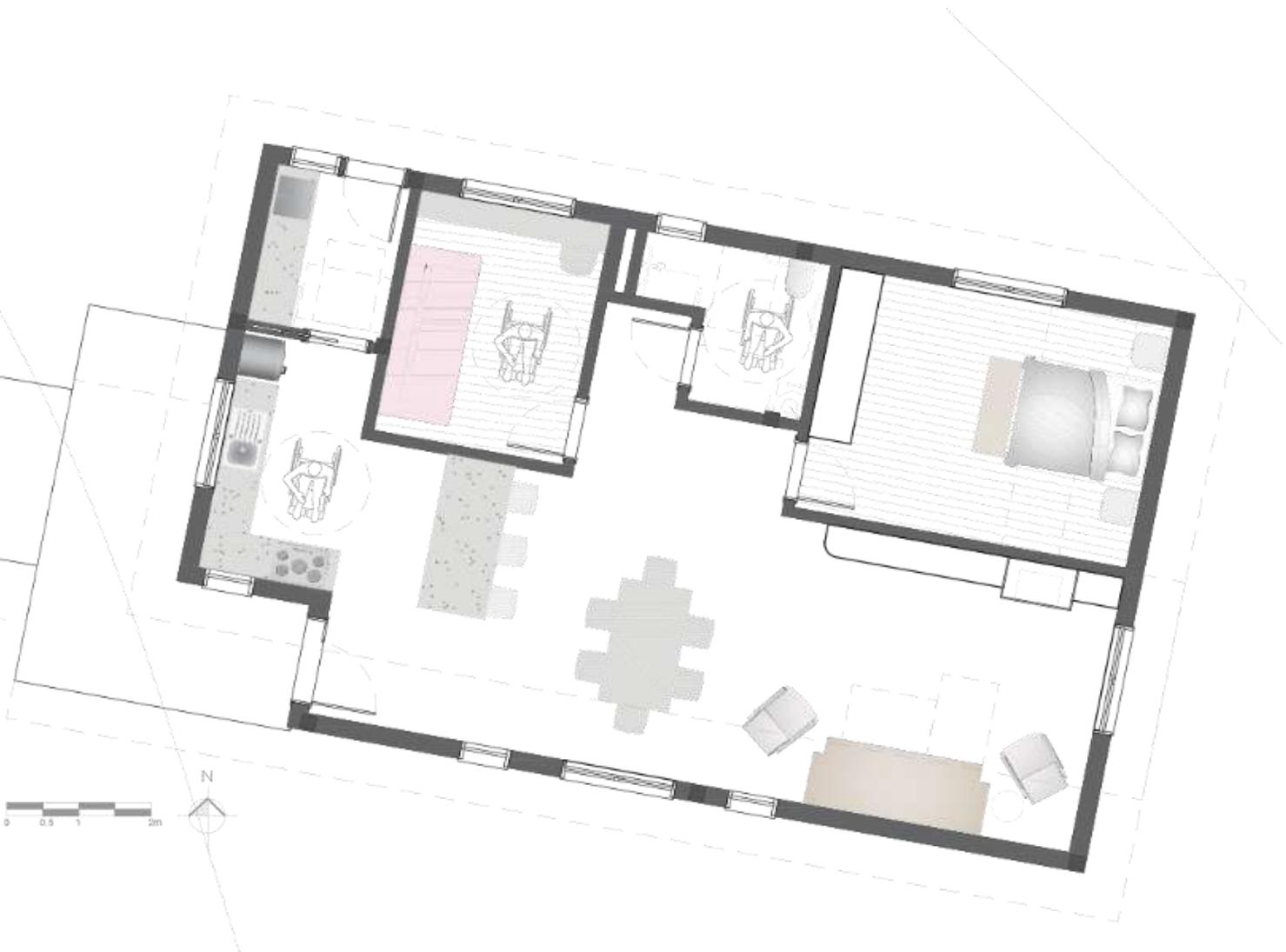
Figura 39 - UVP - Tipo 2



Fonte: Autora,2022

Já a tipologia 3 apresenta ambientes integrados, com dois dormitórios para atender de duas a três pessoas. A residência com essa configuração, possui uma planta flexível, com possibilidade de ser compartilhado cum um amigo, um cuidador ou ainda utilizado como escritório, biblioteca, atelier e outros usos.

Figura 40 - UVP -Tipo 3



Fonte: Autora,2022

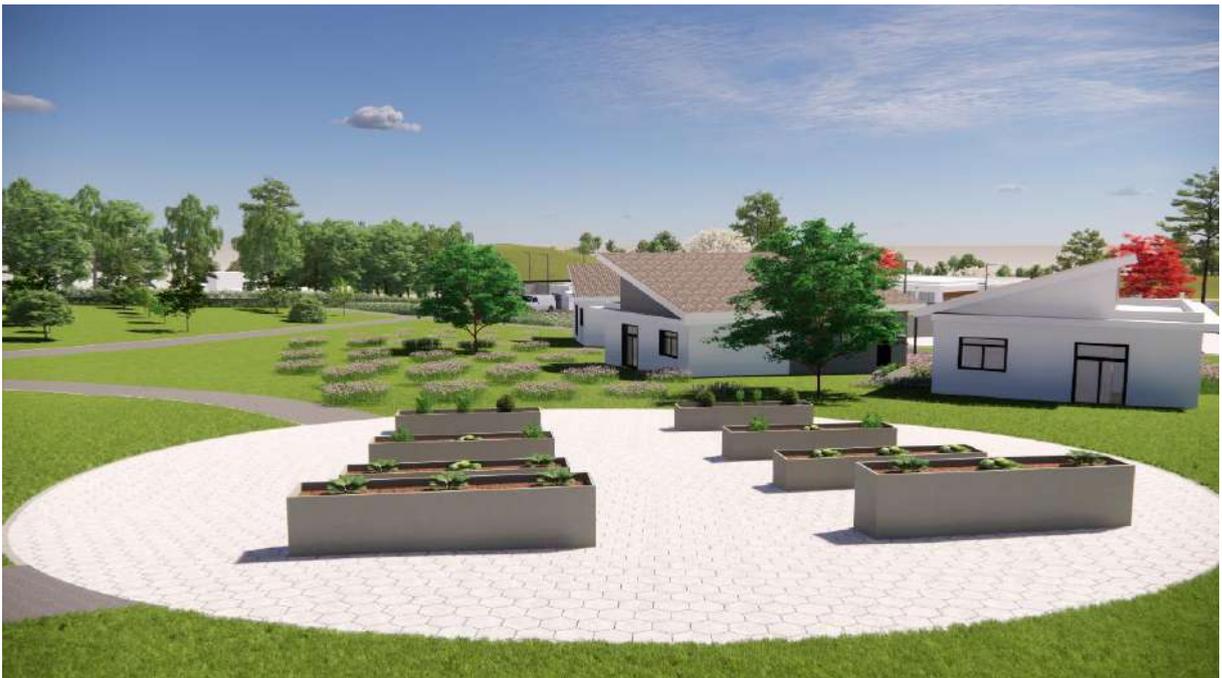
A seguir serão apresentadas algumas imagens do conjunto residencial sênior. Destaca-se a interação entre os espaços externos e internos, como forma de promover o contato com a natureza.

Figura 41- Perspectiva - UVPs



Fonte: Autora,2022

Figura 42 - Perspectiva 1 - Horta e pomar



Fonte: Autora,2022

Figura 43 - Perspectiva 2 – Cancha de bocha e Chimarródromo



Fonte: Autora,2022

Figura 44 – Perspectiva 3 - Casa Comunitária



Fonte: Autora,2022

Figura 45 - Perspectiva 4 - Casa Comunitária



Fonte: Autora,2022

Figura 46 – Perspectiva 5 - Casa Comunitária



Fonte: Autora,2022

Figura 47 – Perspectiva 6 - Casa Comunitária



Fonte: Autora,2022

Figura 48 – Perspectiva 7 - Portaria Social



Fonte: Autora,2022

Figura 49 – Perspectiva 8 – Vista do conjunto



Fonte: Autora,2022

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu verificar-se a importância de se debater e de buscar alternativas para a população que se altera, por conta do processo de transição demográfica. Trata-se do conceito de sustentabilidade social, a qual assegura a inclusão e a autonomia do idoso, de forma a respeitar a identidade e cultura dessa geração. Acredita-se ainda, que esse modelo de comunidade intencional, chamada *Cohousing Sênior*, seja capaz de atender as necessidades específicas dos idosos Barbosenses.

Com o estudo dos exemplares da tipologia *Cohousing*, observou-se que, mesmo sendo cada comunidade única em suas concepções e atributos, possuem uma lógica comum de organização social, baseada na “Comunicação Não Violenta” e na Sociocracia. Assim, para se alcançar uma “Visão Coletiva”, considerando conceitos de humanização dos espaços, como forma de resgate da vida em comunidade. As relações saudáveis, baseadas na confiança, ajuda mútua e convívio, dividindo tarefas diárias, podem vir a contribuir na busca por qualidade de vida na terceira idade.

No respeito com o idoso e a inclusão de minorias foram considerados na organização espacial, para a sua adaptabilidade de acordo com as necessidades específicas. No que tange o conceito *Cohousing*, pode-se dizer que foram contemplados os seguintes conceitos: incentivo aos encontros casuais, decorrentes do afastamento dos veículos das residências, ambientes amplos e bem ventilados nas residências privadas, oferta de espaços abertos com usos diversificados, promovendo a caminhabilidade dos idosos.

Dessa forma pode-se dizer que esses estudos direcionaram a concepção do partido urbanístico-arquitetônico, indo muito além das escolhas intuitivas para sua elaboração. Ressalta-se aqui a relevância de estudos socioespaciais focados nessa faixa etária, como forma de cumprimento da sua função social que a arquitetura e urbanismo assumem em relação a população idosa.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT) - **NBR 15575**: Desempenho de Edificações Habitacionais. Rio de Janeiro, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT) - **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

Banco de imagens de cohousings. Disponível em: <https://l.cohousing.org/dk99/>  
Acesso em: 13 maio 2022.

BELLINTANI, N. **Cohousing: o que é e como funciona?**

Disponível em: <https://www.citas.com.br/post/cohousing-o-que-e-e-como-funciona>.  
Acesso: 04 maio 2022.

CAMBIAGHI, S. **Habitação e Cidade para um Envelhecimento digno com foco na acessibilidade**. In: BESTETTI, Maria Luisa; GRAEFF, Bibiana (organizadoras). Habitação e cidade para o envelhecimento digno. 2ª ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2020.

CAMBIAGHI, S.; CARLETTO, A. C. **Desenho Universal – Um conceito para todos**. Disponível em: [https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal\\_web-1.pdf](https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf). Acesso em: 04 maio 2022.

CASTELNOU NETO, A. M. N. **Por uma gero-arquitetura: a inclusão dos idosos no processo projetual**. Anais 9º Projetar Volume I - 2019. Arquitetura e Cidade: Privilégios, conflitos e possibilidades. Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1198>. Acesso em 07 mar.2022.

COHOUSING EM REDE. Disponível em: <https://www.cohousingemrede.com.br/>.  
Acesso em: 05 maio 2022.

E-COHOUSING BRASIL Disponível em: <https://www.e-cohousingbrasil.com.br/>  
Acesso em: 04 maio 2022.

ESTATUTO DO IDOSO. Ministério da Saúde – Secretária de atenção à saúde. 3º ed. Brasília, 2013. Disponível em [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto\\_idoso\\_3edicao.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf). Acesso em: 11 maio 2022.

FERNÁNDEZ, A. P. D.; ASTREIA, S.; NATALYA, B. A. **Co-housing e terceira idade: Um potencial modelo para a nova demanda de habitação**. In: Anais do 5º Fórum HABITAR 2019: Habitação e Desenvolvimento Sustentável. Anais [...] Belo Horizonte, MG - UFMG, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/forumhabitar2019/143996-CO-HOUSING-E-TERCEIRA-IDADE--UM-POTENCIAL-MODELO-PARA-A-NOVA-DEMANDA-DE-HABITACAO>. Acesso em: 03 mar. 2022.

HAGBERT, P.; LARSEN, H. G.; THÖRN, H.; WASSHEDE, C. **Contemporary Co-housing in Europe: Towards sustainable cities?** (1st ed.). Routledge. ISBN [ISBN: 978-0-429-45017-4]. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429450174>. Acesso em 04 maio 2022.

HIGUCHI, M.I.G.; KUHNEN, A.; PATO, C. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. [Florianópolis]: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.E-book (PDF) ISBN 978-85-60501-37- Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196574>. Acesso em 13 mar.2022.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 mar. 2022.

LUBOCHINSKI, A.L – “Introdução a Cohousing e como realizar”. Hotmart Club – Disponível em: <https://cohousingbrasil.club.hotmart.com/lesson/2z7rvBDK7j/>. Acesso em:28 maio 2022.

MENDES, L. Z.; MENDES, T. Z.; MUELLER, A. A.; THESING, N. J.; KOHLER, R. **Demographic transition in two regions of southern Brazil: cases of Corede Celeiro and AMEOSC. Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e6010212271, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i2.12271. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12271>. Acesso em: 3 mar. 2022.

PERFIL DAS CIDADES GAÚCHAS. SEBRAE – 2020. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/perfil-dos-municipios-gauchos/>. Acesso em :03 mar.2022.

PLANO DIRETOR DE CARLOS BARBOSA – RS – **Leis Municipais**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-carlos-barbosa-rs>. Acesso em: 03 mar. 2022.

POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE DA PESSOA IDOSA. Ministério da Saúde. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528\\_19\\_10\\_2006.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html) Acesso em: 10 maio 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARLOS BARBOSA SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE. **Plano Municipal de Saúde - 2022 a 2025**. Disponível em: <http://www.carlosbarbosa.rs.gov.br/secretarias/secretaria-da-saude/8/plano-municipal-de-saude/492>. Acesso em: 03 mar. 2022.

SCOTTHANSON, C. e SCOTTHANSON, K. **The Cohousing Handbook**. Revised Edition. Building a Place for Community.[Canadá]: 2004. Paperback ISBN: 0-86571-517-3

SILVER SAGE VILLAGE. Disponível em: <https://silversagevillage.com/>. Acesso em:05 de maio 2022.

SILVEIRA, C. M.de F.; ELY, V. H. B. **Formas de habitar: Arquitetura como suporte ao envelhecimento**. In: Anais do 5º Fórum HABITAR 2019: Habitação e

Desenvolvimento Sustentável. Anais [...] Belo Horizonte, MG - UFMG, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/forumhabitar2019/197613-FORMAS-DE-HABITAR-ARQUITETURA-COMO-SUPORTE-AO-ENVELHECIMENTO>. Acesso em: 13 abr. 2022.

THE COHOUSING COMPANY. **Formerly McCamant & Durrett Architects.** Disponível em: <https://www.cohousingco.com/>. Acesso em: 10 maio 2022.

WHO. World Health Organization. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf). Acesso: 11 mar.2022.

# COHOUSING BELVEDERE

Carlos Barbosa



IMPLANTAÇÃO DO CONJUNTO

FONTE IMAGENS: Adaptadas pela Autora



ACADEMIA AO AR LIVRE PARA O BAIRRO



PAISAGISMO



PRAÇA SUL - QUADRA - PRAÇA OESTE



POMAR - HORTA - PRAÇA LESTE



RESIDÊNCIAS



JARDIM DE ORAÇÃO



CASA COMUNITÁRIA

## Arquitetura para a longevidade



FACHADA FRONTAL - 1/100



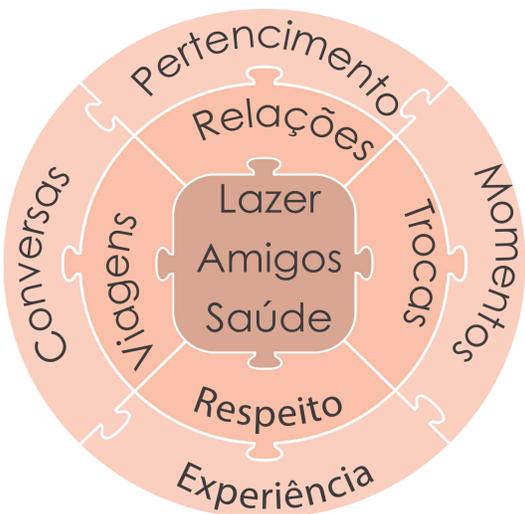
FACHADA SERVIÇO - 1/100



FACHADA DE FUNDOS - 1/100



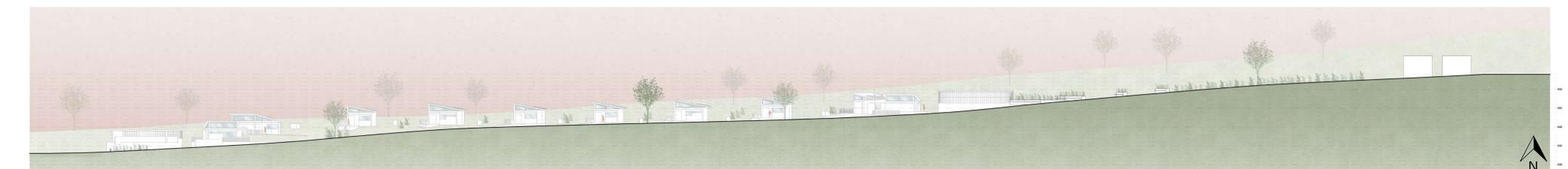
FACHADA VARANDA - 1/100



FONTE: <https://www.e-cohousingbrasil.com.br/> Adaptado pela autora.

A proposta foi de um projeto arquitetônico e urbanístico, com ênfase na promoção da qualidade de vida e saúde, solidariedade e apoio mútuo, cidadania ativa e respeito ao meio ambiente, de acordo com os princípios de habitação da cohousing. Espaços abertos e de uso comum possuem o programa variado para estimular a interação dos membros da comunidade.

- AMPLIDÃO VISUAL
- VISUAIS DO NASCER E PÔR DO SOL
- ÁREAS VERDES
- BAIXO ÍNDICE DE RUIDOS
- RESIDÊNCIAS À NORTE
- VENTILAÇÃO
- USO CONSCIENTE
- TRANSPORTE PÚBLICO



CORTE PERFIL A A' - ÁREA RESIDENCIAL - 1/500